

REVISTA MENSAL
ANO 101 R\$ 2,50

Ave

JUNHO 2000

MARIA



**Os
marginais
e a
História**



**Infância
proibida**



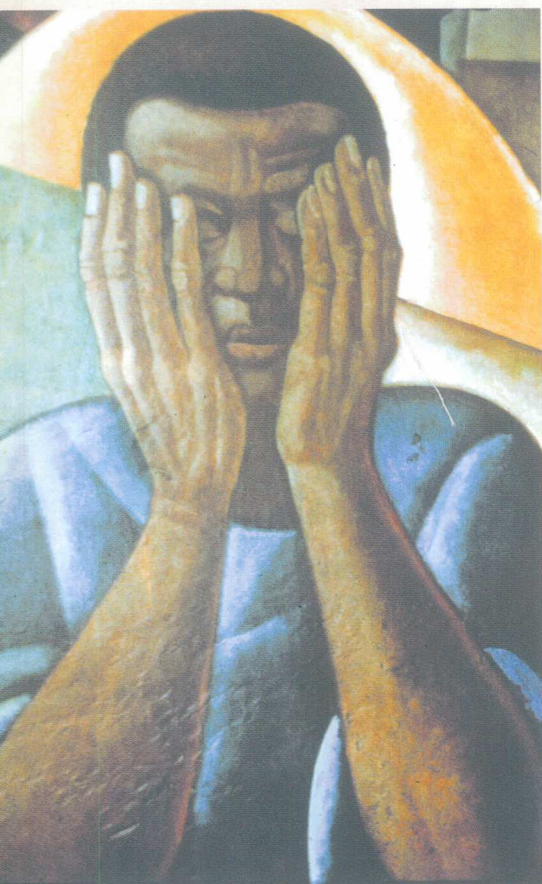
Ética para as televisões

Dívida com morte

Nascer endividado, viver endividado, morrer endividado... é o destino de todos os pobres do Terceiro Mundo, a fatalidade da nossa América. E ser assim endividado equivale a ser proibido de viver. A Dívida Externa é a morte interna.

Acabamos habituados a essa guerra total, a mais mortífera de quantas guerras a História humana registra. A expressão máxima da dominação internacional. O crime maior do capitalismo. Guerra, dominação, crime, por outro lado, cinicamente justificados no Direito Internacional: trata-se de uma dívida, e dívida é um dever e um direito, e as dívidas se pagam...

Nossos políticos, os acordos internacionais, a consciência desmobilizada ou subserviente vêm fazendo da Dívida Externa a Constituição real dos nossos Povos subjugados. Por causa da Dívida, não podemos fazer Reforma Agrária; por causa da Dívida, não podemos atender nem à saúde nem à educação nem aos salários... Somos o quintal do FMI, a barraca do Banco Mundial.



Contestar a Dívida é ingenuidade política, fuga histórica, irresponsabilidade econômica. E continuamos pagando, não a Dívida, mas apenas seus juros: 11 bilhões de dólares por ano do nosso decaído Brasil

As Igrejas históricas, neste país, sem populismos nem irresponsabilidades, por princípios éticos e por exigência evangélica elementar, já declararam conjuntamente que a Dívida Externa é imoral: não pode ser paga, nem deve ser paga.

Mas o senso comum e as estatísticas honestas sabem muito bem que já pagamos essa Dívida, com juros de espoliação, miséria e morte.

Se alguma solidariedade conjunta pode salvar nossa América do colapso econômico e social a que o Primeiro Mundo e seus mecanismos nos condenam, ela seria a vontade conjugada, latino-americanamente unida, de não pagar a Dívida Externa.

Sempre será mais ingênuo, mais cínico, mais suicida pagarmos para morrer, para ver nossos Povos aniquilados pela fome, pelas doenças, pela marginalização mundial.

Contra a Dívida Externa, a Dignidade continental interna!

Ave MARIA

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy; Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Avelino S. de Godoy; Antônia Portero Simon.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 20,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Ave Maria na internet:

www.revistavemaria.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@revistavemaria.com.br

assinaturas@revistavemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, pegam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin (RS); Alice Ferreira Reis (SP); Andréia Maria Ferreira Reis (SP); Sérgio Pierozan (SP e GO); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); Mauro Donizeti Câmara (SP); Rosa Maria S. Mormandi (SP); José Pereira da Silva (Londrina); Pe. Pedro Jordá.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br/servbib/servbib.htm

É hora de mudar

A Unicef fez no ano passado um relatório sobre a situação da infância no mundo e no Brasil. A gravidade é apontada pelos números elevados que nos vão tirando a esperança de termos um futuro melhor.

Uma expectativa otimista de verdade para o País não acontece só porque políticos, ministros ou mesmo o presidente achem que tudo vai melhorar. Enquanto as cifras atuais mostrarem grandes números de carentes excluídos, nosso futuro próximo continuará sendo obscuro e desesperançoso.

Para se ter uma idéia, segundo a Unicef, de cada mil crianças nascidas, 42 morrem antes dos 5 anos de idade e 36, antes do primeiro ano de vida. Só 8% de nossas crianças têm creche! E as outras 92%? As que não são de famílias de classe média ou rica que têm babá, ficarão trancadas em casa, cuidadas por irmãozinhos sem a mínima condição de atenção responsável.

Isso é mais do que lamentável e tem que mudar, pois revela um sistema de morte, cuja responsabilidade principal é do governo. As infraestruturas básicas de saúde, higiene e educação dependem de vontade política. Riqueza para tanto o Brasil tem.

Está mais do que na hora de mudar. Quando, porém, Frei Betto nos convida a fazermos alguma coisa por nossas crianças carentes (p.11-13), seu pedido nada mais é que a outra face da "Solidariedade e participação" exigidas por João Paulo II para o mundo do trabalho (p.6). É ainda o mesmo desejo de justiça que nasce em nosso espírito, ao refletirmos sobre o genocídio dos povos indígenas, na consideração do Texto-base da CF'2000 (p.7), ou ao lermos o artigo de Antônio Mesquita Galvão (p.9): "Outros 500", em que as descobertas de 1492 e de 1500 recebem outro nome: "violentas e injustas invasões"!

Ramon Casas Vilarino constata em "Os marginais e a História" (p.10): 'Quem não navega no leito social e não compactua com as suas ordens, fica à margem, é um marginal. Cristo foi um deles'. Seguir a Cristo, hoje, portanto, não é ir por vias fáceis e tranquilas, mas é o que nos dignifica a vida e lhe dá sentido.

Há duas atitudes possíveis: a apatia e a acomodação ou outra, sem dúvida, mais laboriosa mas que produz felicidade, a organização das pessoas envolvidas, principalmente com a infância e a adolescência.

É este o tema do teólogo Pe. João Batista Libânio, ao escrever o artigo "Ética para as televisões" (p.14). Sua defesa de um código de moral para as TVs, é modelo de um comportamento diferente diante da baixa qualidade ética e estética dos programas, que todos os dias invadem nossos lares. É paradigmática sua posição, porque não apregoa uma atitude impositiva do governo, mas sim um movimento nosso, de telespectadores.

Santo Antônio Maria Claret, cujo cinquentenário de canonização, celebramos dia 7 de maio, foi — e continua a ser — exemplo dessa escolha de um verdadeiro e corajoso apóstolo. Em seu tempo, fez-se *tudo para todos a fim de salvar a todos* (1Cor 9,22). Se tudo ou quase tudo depende de estruturas políticas das quais provém o resultado injusto e triste da situação dos excluídos, é hora de mudar os quadros políticos. Na hora de eleger novos políticos, fazê-lo sem medo conhecendo bem quem são e o que fazem eles, com coragem e consciência de cidadãos que não são cegos à realidade, 'fazem a hora e não esperam acontecer'.

Cinquenta anos de canonização de Santo Antônio Maria Claret



São Paulo, 7/5. Santo Antônio Maria Claret foi proclamado bem-aventurado por Pio XI, aos 25 de fevereiro de 1934. O papa Pio XII canonizou-o, aos 7 de maio de 1950. Celebrando e agradecendo todos os benefícios concedidos por Deus aos missionários claretianos, a Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, em comunhão com o grande jubileu da Igreja Universal, iniciou seu período jubilar, no dia 24/10/98, aniversário da morte de seu fundador e o encerrou em 7/5/2000, dia do 50º aniversário de canonização de Santo Antônio Maria Claret. Naquela data, a Paróquia N. S^a do Rosário, em Ribeirão Preto, SP, realizou missa festiva, presidida pelo Pe.

Mauro Zequin Custódio, Provincial da Congregação, no Brasil Meridional. No ato, foram executadas músicas sobre o Fundador, reunidas em CD, com o nome "Claretianos a Claret". A *Revista Ave Maria*, que faz parte da grande família claretiana, com ela louva a Deus pelos 50 anos da canonização de Santo Antônio Maria Claret, embora pretenda fazê-lo de modo mais significativo em sua edição de outubro.

Timor Leste

São Paulo, 1º/5. D. Carlos Filipe Ximenes Belo, administrador apostólico de Dili, no Timor Leste, e Prêmio Nobel da Paz de 1996, esteve em São Paulo, nos dias 30 de abril e 1º de maio. Em sua visita, d. Ximenes concelebrou na Catedral Metropolitana, com a população paulista, e se manifestou na comemoração de 1º de Maio, organizada por várias entidades, entre elas as pastorais sociais e a Central Única dos Trabalhadores. Dos sem-terra, ele recebeu, como lembrança, uma imagem de Cristo, talhada em madeira por um lavrador de um assentamento de Bauru (SP). Na Missa dos Trabalhadores, d. Ximenes Belo falou da situação do Timor Leste e lembrou que também em seu país, destruído pelos conflitos armados de setembro de 99, não há emprego.

Entidades negras católicas

Brasília, 12/05. Acontece, em Goiânia, GO, de 22 a 24 de junho, o II Congresso de Entidades Negras Católicas (Conenc), que é uma preparação para o VIII Encontro de Pastoral Afro-Americana (VIII EPA), promovido pelo Celam e organizado por um Comitê Latino-Americano e Caribenho, presidido pelo Arcebispo Primaz do Brasil Dom Geraldo Majella Agnelo e Dom Gílio Felício. O VIII Encontro de Pastoral Afro-Americano realiza-se de 4 a 9 de setembro, em Salvador, BA.

Evangelização 500 anos



Porto Seguro, 26/4. Em Coroa Vermelha, praia do município de Santa Cruz de Cabrália (BA), os 500 anos de evangelização de nossa pátria foram celebrados com uma missa solene. Naquele mesmo local, frei Henrique de Coimbra rezou a primeira missa, no Brasil, em 26 de abril de 1500. A celebração foi presidida pelo legado pontifício, o

cardeal Angelo Sodano e concelebrada pelo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, d. Jayme Henrique Chemello, além de outros preladados. Participaram da missa, além de índios, representantes da comunidade negra e de imigrantes europeus. No ato penitencial, d. Chemello fez uma oração de pedido de perdão pelos pecados cometidos contra os índios e negros. Na homilia, o cardeal Sodano agradeceu a Deus pela profunda ação evangelizadora que a Igreja de Portugal realizou, providencialmente, nestas terras. Entre as realizações da Igreja católica nesses 500 anos de evangelização destacou a importância do trabalho missionário para as populações indígenas, a dedicação pela integração do povo, mediante as escolas, e a defesa da dignidade humana e dos valores culturais dos povos indígenas. Lembrou, ainda, as palavras do papa João Paulo II: "Deus renovou sua aliança com o Brasil pela obra de seus valorosos missionários".

Novo Livro

São Paulo, 4/5. *Contra-versões – Civilização ou barbárie na virada do século*, novo lançamento da Boi tempo Editorial, é o título do livro que reúne dois autores de reconhecido pensamento crítico: Frei Betto e Emir Sader. Escrita



em linguagem jornalística, a obra reúne artigos, crônicas e ensaios em torno de temas de atualidade: Estado, Democracia, Utopia, Governo FGC, MST, Neoliberalismo etc. O lançamento foi em São Paulo no dia 4 de maio. Preço nas livrarias: R\$ 27,00.

Aids e a Igreja do Brasil

Brasília, 12/05. A Comissão Nacional de DST/Aids da Pastoral da Saúde da CNBB promove, de 12 a 15 de junho, um encontro intitulado "Aids de desafio para a Igreja do Brasil". O objetivo do encontro é dar à juventude uma nova motivação de viver e caminhos de esperança, melhor maneira de lutar contra a invasão das drogas, caminho aberto para a AIDS. O evento acontece em Itaici, SP.

Raiser em Haiti

Genebra, 12/05. O secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), Konrad Raiser, esteve dia 11 de maio em visita de quatro dias ao Haiti. Sua visita objetivou expressar solidariedade ecumênica e oferecer ajuda concreta à população haitiana, vitimada pela pobreza. A visita se deu num momento de crescente ten-

são social e política no país caribenho. A Federação Protestante do Haiti advertiu os haitianos, em mensagem emitida no dia 20 de março, a respeito da "grave crise" que poderá levar o país ao caos total. "O empobrecimento da população, a desvalorização da moeda, a degradação da qualidade de vida, o desequilíbrio social cada vez mais inaceitável caracterizam essa situação, que chegou a um ponto de intolerância". Em outra mensagem, da Federação em conjunto com a Conferência Episcopal do Haiti, líderes eclesiais pedem ao governo que garanta, segundo a Constituição, o restabelecimento do Poder Legislativo e das autoridades locais com todas as suas prerrogativas. No contato que Raiser terá com o presidente da República, e com autoridades e líderes da oposição, esse será um dos assuntos agendados. Falará também com o secretário geral da Federação Protestante do Haiti, Edouard Paultre. O CMI é uma comunidade de 337 igrejas, das famílias anglicanas, ortodoxas, protestantes e evangélicas de mais de 100 países. A Igreja Católica não está filiada ao CMI, mas mantém relações de cooperação com o organismo ecumênico internacional. O CMI foi criado depois da II Grande Guerra, e reuniu-se pela primeira vez em Assembléia Geral em 1948, em Amsterdã.



4. **A IGREJA NO MUNDO**
Notícias
6. **PALAVRA DO PAPA**
Solidariedade e participação
7. **CAMPANHA DA FRATERNIDADE**
Dignidade humana e paz
Novo milênio sem exclusões
9. **FÉ E CIDADANIA**
Outros 500
Antônio Mesquita Galvão
10. **HISTÓRIA DO BRASIL**
Os marginais e a História
Ramon Casas Vilarino
11. **FÉ E CIDADANIA**
Infância proibida
Frei Betto
14. **Ética para as televisões**
J. B. Libânio
15. **Um dia sem ódio ou paz todo dia?**
Francisco Gomes de Matos
17. **LÍNGUA DA NOSSA GENTE**
Ymyrapytã: 500 anos!
Elias Leite
18. **HISTÓRIA DA IGREJA**
Igreja e Iluminismo
Ronaldo Mazula
20. **SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ**
São Norberto e Santo Irineu
Ronaldo Mazula
22. **LITURGIA DA PALAVRA**
De 18 de junho a 9 de julho de 2000
Adelino Dias Coelho
28. **ALCOOLISMO**
Quais os sintomas do alcoolismo?
Donald Lazo
30. **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Sucesso e fracasso
Wimer Botura Jr.
31. **CULINÁRIA**
Ivone B. Oliveira
32. **RELENDO A BÍBLIA**
Norma Termignoni
33. **TURMA DA MAÍRA**
Tina Glória

Solidariedade e partic

Durante a concelebração eucarística, na periferia de Roma, na festa de São José Operário, em 1º de Maio, o Santo Padre proferiu uma homilia, da qual publicamos alguns trechos:

"Abençoai, ó Senhor, a obra das nossas mãos. Estas palavras, que repetimos no salmo responsorial, exprimem bem o sentido da jornada jubilar deste dia. Do vasto e multiforme mundo do trabalho eleva-se hoje, 1º de Maio, uma invocação: Senhor, abençoai e consolidai a obra das nossas mãos!

O nosso cansaço em casa, no campo, nas indústrias, nos escritórios poderia resultar numa inquietação extenuante, em última análise desprovida de sentido. Pedimos ao Senhor que este afã seja, ao contrário, a realização do seu desígnio, de tal forma que o nosso trabalho recupere o seu significado original.

Qual é o significado original do trabalho? Escutamo-lo na primeira Leitura: *Enchei e submetei a terra...* (Gn 1, 28). A estas expressões faz eco o Apóstolo Paulo, que assim escreve: *Quando estávamos entre vós, demos esta norma: quem não quer trabalhar, também não coma, e exorta a comer o próprio pão, trabalhando em paz* (2 Ts 3,10.12).

Por conseguinte, no projeto de Deus o trabalho aparece como um direito-dever. Necessário para tornar úteis os bens da terra na vida de cada homem e da sociedade, este contribui para orientar a atividade humana rumo a Deus, no cumprimento do seu mandato de 'submeter a terra'."

"Enquanto orienta o nosso olhar para o mistério da Encarnação, o Ano jubilar convida-nos a refletir com es-

pecial intensidade sobre a vida escondida de Jesus de Nazaré. Foi ali que ele passou a maior parte da sua existência terrena. Com sua operosidade silenciosa na oficina de José, Jesus ofereceu a mais elevada demonstração da dignidade do trabalho. O evangelho narra que os habitantes de Nazaré, seus conterrâneos, receberam-no com admiração, perguntando-se uns aos outros: *De onde [lhe] vêm esta sabedoria e estes milagres? Este homem não é o filho do carpinteiro?* (Mt 13,54-55).

O Filho de Deus não desdenhou a qualificação de carpinteiro e não quis eximir-se da normal condição de cada homem. 'A eloquência da vida de Cristo é inequívoca: ele pertence ao 'mundo do trabalho' e tem apreço e respeito pelo trabalho humano; pode-se dizer mais: ele encara com amor este trabalho, bem como as suas diversas expressões, vindo em cada uma delas uma linha particular da semelhança do homem com Deus, Criador e Pai' (*Laborem exercens*, 26).

Do evangelho de Cristo provém o ensinamento dos Apóstolos e da Igreja; daí deriva *uma verdadeira e própria espiritualidade cristã do trabalho* (cf. GS, n. 33-39 e 63-72). Após séculos de fortes tensões sociais e ideológicas, o mundo contemporâneo, cada vez mais interdependente, tem necessidade deste 'evangelho do trabalho', a fim de que a atividade humana promova o autêntico desen-

volvimento de toda a humanidade.

Caríssimos irmãos e irmãs, que vos diz o Jubileu, a vós que hoje representais o mundo inteiro do trabalho, congregado para a celebração jubilar? Que diz o Jubileu à sociedade que no trabalho encontra, mais do que uma estrutura básica, um terreno de consolidação das próprias opções de valor e de civilização?

Desde as suas origens hebraicas, o Jubileu diz respeito diretamente ao trabalho, uma vez que o povo de Deus é feito de homens livres, os quais o Senhor tinha resgatado da condição



de escravos (cf. Lv, 25). No mistério pascal, Cristo completa também esta instituição da antiga lei, conferindo-lhe o pleno sentido espiritual, mas integrando o seu valor social no grande desígnio do Reino que, como 'fermento', faz crescer toda a sociedade na linha do progresso autêntico.

Portanto, o Ano jubilar suscita uma redescoberta do sentido e do valor do trabalho. Depois, convida a encarar os desequilíbrios econômicos e sociais existentes no mundo do trabalho,



Participação

restabelecendo a justa hierarquia dos valores, atribuindo o primeiro lugar à dignidade do homem e da mulher que trabalham, à sua liberdade, responsabilidade e participação. Além disso, impele a resolver as situações de injustiça, e salvaguarda as culturas próprias de cada povo e os vários modelos de desenvolvimento.

Neste momento, não posso deixar de expressar a minha solidariedade a todos aqueles que sofrem devido à falta de emprego, a um salário insuficiente e à carência dos meios materiais. Estão vivamente presentes no meu espírito as populações obrigadas a uma pobreza que ofende a sua dignidade, impedindo-lhes compartilhar os bens da terra e forçando-as a alimentarem-se com o que cai da mesa dos ricos. Comprometer-se na resolução destas situações é obra de justiça e de paz.

As novas realidades, que acometem com vigor o processo produtivo como a globalização das finanças, da economia, do comércio e do trabalho, jamais devem violar a dignidade e a centralidade da pessoa humana, nem a liberdade e a democracia dos povos. A solidariedade, a participação e a possibilidade de governar estas mudanças radicais constituem, se não a solução, sem dúvida, a necessária garantia ética para que as pessoas e os povos não se tornem instrumentos mas protagonistas do seu futuro. Tudo isto pode ser realizado e, dado que é possível, torna-se imperioso".

João Paulo II

Dignidade humana e paz

Novo milênio sem exclusões

(Continuação)

O GENOCÍDIO DOS POVOS INDÍGENAS

Em todas as épocas, desde o Brasil-colônia até os dias de hoje, os povos indígenas, geralmente, têm sido considerados um estorvo para o progresso e o desenvolvimento. Fala-se muito na necessidade de sua "integração" compulsória na sociedade que se autodenomina "nacional", passando por cima da cultura e da identidade desses povos. E qual é a razão e finalidade desta permanente proposta de "integrar"? É o acesso livre aos territórios por eles ocupados, a expropriação sem controle, o saque inescrupuloso das riquezas naturais existentes em seu solo e subsolo.

Na região amazônica, habitam 60% dos povos indígenas do território brasileiro. A Amazônia é cobiçada por causa de suas riquezas minerais, hídricas e, de uns tempos para cá, também em razão de sua biodiversidade. Nos Estados que compõem a Amazônia Legal, atuam hoje, verdadeiros cartéis da exploração ilegal de madeira, caça e minérios em terras indígenas. Os saqueadores valem-se da cumplicidade, conivência ou omissão dos órgãos governamentais, insuficientemente aparelhados para autuar os infratores ou lentos demais na aplicação da lei, mesmo que muito incompleta, e das punições previs-

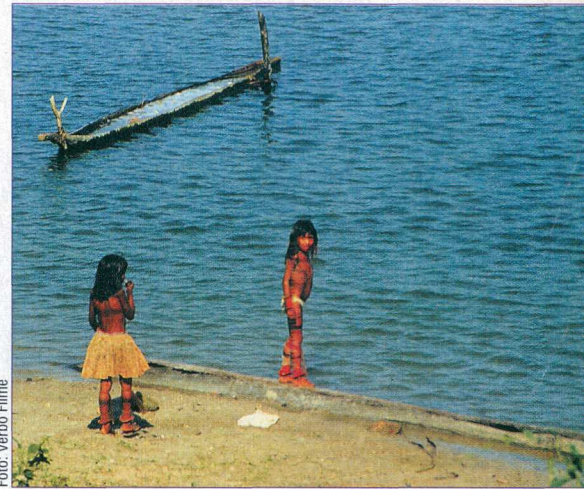


Foto: Verbo Filme

tas. Muito danosa para o meio ambiente é, também, a exploração mineral e garimpeira devido à contaminação dos rios, o que prejudica a saúde da população ribeirinha. No Pará, entre os Kaiapó, rios são contaminadas pelo mercúrio, usado nos garimpos, e crianças nascem com deficiências físicas e mentais.

A forma mais recente de lucrativa espoliação é a biopirataria. Falsos turistas, às vezes travestidos de "missionários", montaram um esquema para, ardilosamente, furtar dos povos indígenas os conhecimentos tradicionais de recursos medicinais que a floresta tropical oferece, inclusive para patenteá-los no exterior.

O longo e implacável processo de violência física e cultural induziu muitas etnias a negar sua identidade para fugir das perseguições. Hoje, graças ao avanço do movimento indígena, vários povos saem, finalmen-

te, do anonimato e passam a reivindicar do Estado o respeito à sua identidade étnica e a demarcação de suas terras.

RESGATE DA DIGNIDADE, SOLIDARIEDADE E EVANGELIZAÇÃO

Uma das premissas para o resgate da dignidade dos povos indígenas é admitirmos que o Brasil é um País pluricultural e multi-étnico. Há de guiar-nos, como seguidores de Jesus, a máxima do Senhor: *Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância* (Jo 10,10), sobretudo em relação aos materialmente pobres e culturalmente excluídos. A vida em plenitude para todos é a meta de nossa esperança e a motivação de nossa presença eclesial e evangelizadora em meio aos povos indígenas. O contexto em que hoje eles vivem seus sofrimentos e as injustiças, agressões e violências de que são vítimas, desafiam-nos e exigem de nossas Igrejas uma resposta de solidariedade revigorada, à luz da palavra de Deus.

A solidariedade cristã se expressa na disposição de carregarmos os *fardos uns dos outros* (Gl 6,2), especialmente dos mais fracos e desprotegidos, de usarmos de misericórdia para com os caídos entre Jerusalém e Jericó (cf. Lc 10,25-37), do Chuí ao Oiapoque. A celebração dos 500 anos de evangelização em nosso país remete-nos em primeiro lugar à causa indígena. O jubileu cristão do ano 2000 é uma singular oportunidade "convocatória" de toda a comunidade cristã para sensibilizar-se e de mobilizar-se em favor da dignidade e dos direitos dos descendentes diretos dos primeiros habitantes desta terra.

A PALAVRA DE DEUS: TERRA É VIDA

Do Senhor é a terra e tudo que ela contém — diz o Salmo 24,1. Terra que é do Pai é dos filhos, para que possam viver, não para dominarem uns aos outros. A terra não é um bem material como os outros, criados pelos seres humanos. Ela vem direto de Deus, como nós. Nisso temos muito de aprender com nossos irmãos indígenas. Para os povos indígenas, a terra é mãe, terra é vida. Sem ela, os

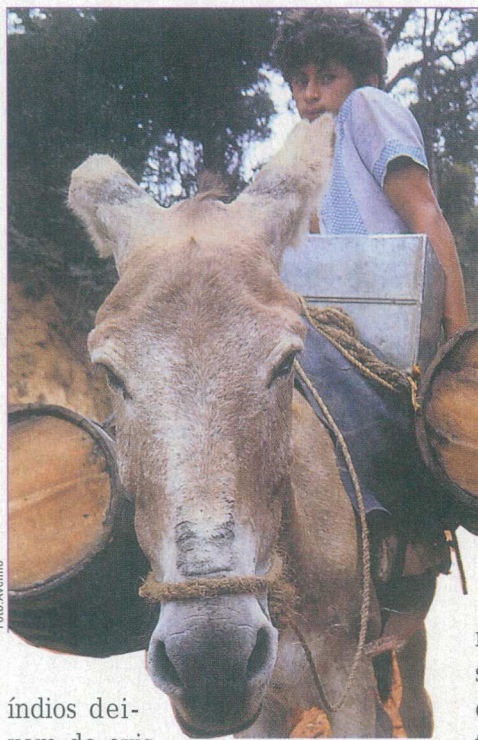


Foto: Avelino

índios deixam de existir. Na visão dos povos indígenas, a defesa da terra faz parte da defesa do universo religioso. Se a evangelização quer ser anúncio de uma Boa Nova, então, como cristãos, devemos combater as más notícias da violência estrutural contra os povos indígenas e acompanhá-los na busca da sua "terra prometida".

As origens remotas do povo de Deus estão numa promessa de terra, feita ao patriarca Abraão. Daí para a frente, a terra foi sempre tema essen-

cial, símbolo das promessas divinas. A realidade teológica da Bíblia conta a história de um povo profundamente ligado à sua terra. Para Israel, a terra jamais foi algo episódico ou circunstancial. A revelação de Deus está profundamente vinculada à terra sobre a qual se atam os laços da Aliança e se alicerça a Promessa. A conquista da terra prometida é penhor da fidelidade de Deus e prova de fidelidade do seu povo.

A terra está no começo e no fim das promessas bíblicas. O Apocalipse fala da vitória final do bem com a imagem de *um novo céu e uma nova terra* (Ap 21,1). É a terra como deveria ter sido sempre, como estava nos projetos de Deus, uma "terra sem males", como diriam nossos indígenas. Nessa nova terra, não haverá clamores nem lágrimas. Nela está plantada a árvore da vida, dando frutos o ano inteiro e com folhas que curam as feridas das nações. Podemos pensar nas muitas feridas que precisam ser curadas, no povo brasileiro, nas nações indígenas. Há feridas dos conquistadores, lesados na sua capacidade de enxergar o outro como irmão; há feridas nos conquistados, agredidos na sua dignidade e no direito de viver. Na Nova Jerusalém não há excluídos, mas lugar para todos os povos: suas doze portas estão sempre abertas.

A mensagem bíblica se expressa apoiada em quatro grandes pilares: terra, povo, lei e templo. O clamor dos povos indígenas, em função de sua libertação integral, nos força a refletir sobre o sentido da salvação. Como continuaremos a refletir na próxima edição.

(Continua no próximo número.)





Outros 500

Antônio Mesquita Galvão

Há 500 anos, dentro do processo globalizante, deflagrado pelo ciclo das navegações ibéricas, chegaram ao Brasil as naus portuguesas, comandadas por Pedro Álvares Cabral. Um ufanismo instaurou-se no país, fruto daquela costureira cortina-de-fumaça levantada pelas elites, e pelos segmentos da mídia que as assessora. Mais muita gente, uma parcela bem lúcida da população, daqueles que não se deixam emprenhar pelas orelhas, e ainda trazem vivo em si o senso crítico, têm afirmado que, se de um lado há que se comemorar alguma coisa, de outro, é necessária uma profunda reflexão. A mídia moderna, com nítidos cortes neoliberais, não admite essa reflexão. Numa sociedade que se acostumou com "pratos feitos", os palacianos do quarto poder, rotulam de reacionários, antipatriotas e obscurantistas, tantos quantos afirmam que pouca coisa há que se comemorar. Na verdade, o que sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, professores e especialistas em ética vêm afirmando é que nossa história tem, em seu marco zero, um grosseiro ato de rapina. Se, de um lado, as navegações retratam a explosão da técnica e da busca de novos horizontes, a partir de um renascimento europeu, de outro — e isso não pode passar despercebido —, o ciclo das navegações foi a expansão

colonialista de alguns reinos europeus, especialmente Portugal, Inglaterra e Espanha. Os mesmos corifeus da elite moderna, que verberam a invasão de terras improdutivas, hoje, cegaram-se ou fizeram vistas grossas às "descobertas", seja a de 1492 seja, especificamente em nosso caso, a de 1500, que nada mais foram que violentas e injustas invasões. Não houve descoberta, mas uma invasão armada a uma terra que tinha dono e onde havia civilizações (Astecas, Maias e Incas) tão ou mais adiantadas que as ibéricas. Se



"O último tamoio" — Rodolfo Amoêdo — Museu Nacional de Belas-Artes, RJ

invadir terras hoje é ilícito, como não considerar essa ilicitude na gênese da nossa história, precisamente onde se fundou nossa crise de ética? Os colonizadores do passado prostituíram os aborígenes com espelhos, miçangas, colares, facas e tecidos coloridos. Enquanto davam quinquilharias, roubavam o ouro, o pau-brasil, a prata, a dignidade. Na semana dos festejos do "descobrimento" chegaram novas

caravelas. Aliás, continuam chegando, representadas por firmas transnacionais, bancos, empresas de comunicação, etc. Bem que aquelas caravelas internacionais que aportaram às praias da Bahia podiam levar as miçangas morais de cinco séculos e trazer de volta nosso ouro e nosso amor-próprio, revogando — por exemplo — o tratado de Methuen.⁽¹⁾ Também a minha Igreja podia entoar um

O ciclo das navegações foi a expansão colonialista de alguns reinos europeus, que fizeram vistas grossas às "descobertas", de 1492 e de 1500, nada mais que violentas e injustas invasões.

Miserere (Sl 50: "Pedido de perdão"), pois — em nome de uma evangelização discutível — fechou os olhos à barbárie. Se de dia a espada ibérica mata-

va os corpos dos índios, à noite, seu cabo invertido se transformava em cruz, que desenraizava o espírito do povo da terra, de sua milenar cultura. Por todas essas circunstâncias, eu acho que temos muito pouca coisa para comemorar e espero que os outros quinhentos anos, que ora se iniciam, tragam-nos mais amor, paz, prosperidade e, sobretudo, lucidez e um melhor senso crítico para enxergar a realidade. Em 1940, o escritor Stefan Zweig, em visita ao Rio de Janeiro, disse que o Brasil era "o país do futuro". Este futuro está dormando...



⁽¹⁾ John Methuen, político britânico que assinou com Portugal, um Tratado que fez daquele país uma colônia econômica da Grã-Bretanha (1703) (Enciclopédia Larrousse-1998).

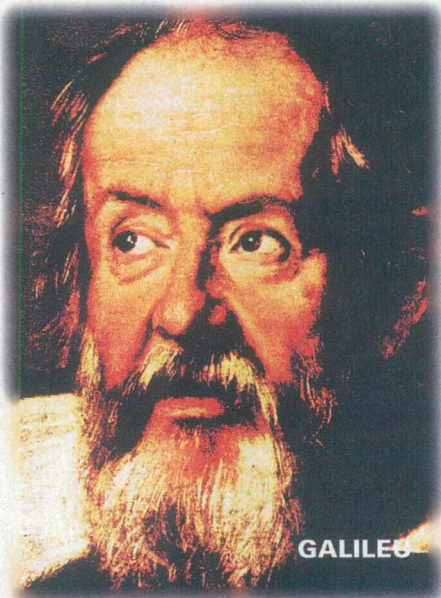
Antônio Mesquita Galvão teólogo leigo e bibliista
E-mail: kerygma@zaz.com.br

Os marginais e a História

Ramon Casas Vilarino

A História é feita pelos homens. Homens no seu sentido lato, ou seja, o *homo-sapiens*. Karl Marx já o afirmara no século XIX e, antes dele, tantos já haviam dito o mesmo. Mas, será que todos estão comprometidos com o seu tempo e espaço na História?

Não queremos reforçar uma postura positivista, aquela que privilegia o papel de alguns homens apenas, em detrimento de toda uma coletividade, dando margem, assim, à criação dos heróis e dos mártires. Cabe-nos



GALILEU

uma reflexão acerca do papel que desempenhamos em nosso presente, e também sobre o comprometimento que outros tiveram em seu tempo, aquilo a que chamamos "passado", mas que, não obstante, foi também um tempo presente.

Tomemos, para reflexão, o exemplo do Império Romano. Certamente, foram as pessoas que naquele espaço e tempo viveram que construíram o império, e, portanto, fizeram a sua história. Alguns, até por força de seus cargos e/ou poderes materiais se notabilizaram mais que outros, porém, quan-

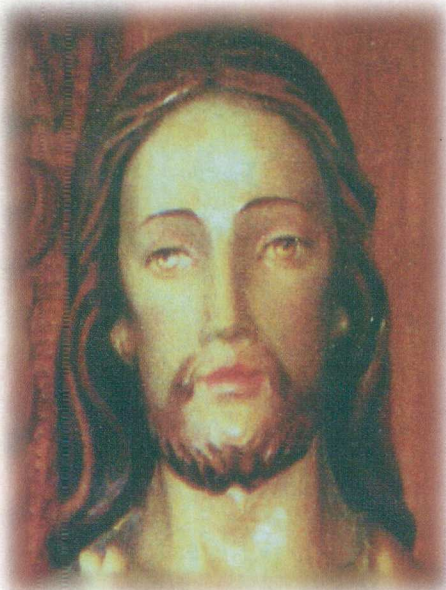
Quem não navega no leito social e não compactua com as suas ordens fica à margem, é um marginal. Cristo foi um deles.

tos seres humanos anônimos tiveram uma participação efetiva no seu cotidiano, contribuindo, assim, para a edificação daquele momento? Seus nomes não constam nos manuais de história, e, dessa forma, nem sequer os conhecemos, mas sabemos que estavam lá. Por outro lado, quem, naquele momento e espaço propostos, foi considerado um marginal, porque postado à margem da sociedade, combatendo seus valores, refletindo sobre suas incoerências e ousando desafiar a ordem estabelecida, aquela que no dia-a-dia aceitamos e a que dizemos sim? Alguns, mais sensíveis, porém não menos corajosos, abdicaram de

"DEUS AO MAR O PERIGO E O ABISMO DEU. MAS NELE É QUE ESPELHOU O CÉU"

(Fernando Pessoa)

uma reconciliação fácil com a vida para propor uma transformação. Quem não navega no leito social e não compactua com as suas ordens fica à margem, é um marginal. Cristo foi um deles, não é à toa que recebeu a pena máxima à época, imposta somente aos criminosos mais hediondos. Alguém lembra o nome do cidadão romano mais ilustre daquele período? Certamente era o imperador, mas, qual o seu nome? Por acaso eu me recordo, chamava-se Tibério, porém, o que vale é que o tempo, e




as gerações futuras, não guardaram em sua memória o mais digno dos romanos, mas aquele que, na época, foi considerado negativamente pelo Estado.

Na Idade Moderna, Galileu Galilei foi ameaçado de morte pelas



autoridades vigentes, e só não foi queimado vivo porque renunciou às afirmações feitas tendo por base seus estudos. Hoje, temo-lo como um referencial na história da ciência; quanto aos seus algozes, à época ilustres, dignos e reconhecidos mandatários, pouco nos importamos com eles.

Mesmo no Brasil, para citarmos apenas um, Tiradentes, ao seu tempo, foi condenado e exemplarmente punido, a fim de evitar novas rebeliões na colônia. Durante um século, desde a sua morte, em 1792, até a proclamação da República, no final do século XIX, foi ele tido como uma *persona non grata*, um exemplo negativo em nossa história, mas, com o fim da monarquia e a concretização de uma de suas propostas — a república, ainda que distorcida —, Tiradentes foi alçado da condição de marginal para a de herói, e no mês de abril temos até um feriado em sua homenagem.

Para concluir, omitindo tantos outros nomes e exemplos na história, devemos nos perguntar a que "clube" pertencemos, a qual deles estamos associados. Àquele cujo grande projeto é a satisfação dos anseios materiais, numa trajetória de vida previsível e sem riscos, ou àquele que trilha caminhos que muitas vezes não são os mais fáceis, tranquilos, mas que certamente dignificam o nosso ser e amplificam o nosso significado? Ser cristão não é seguir Cristo? 

Ramon Casas Vilarino, Licenciado em História, pela PUC/SP. Especializou-se, em História Social. Atualmente faz doutorado sobre temática "História Política e Cultural no Brasil, nas décadas de 60 e 70".

Infância proibida

Frei Betto

A Unicef divulgou, em dezembro, o relatório "Situação Mundial da Infância 2000". O Brasil figura como infanticida, ocupando o 105º lugar no ranking que abrange 191 países, com índices comparáveis aos das Filipinas, do Vietnã e do Cazaquistão, muito mais pobres do que nós.

De cada 1.000 crianças nascidas vivas em nosso país, 42 morrem antes dos 5 anos de idade. E 36 antes do primeiro ano de vida. Mesmo índice do Vietnã. A diferença é que, lá, um habitante tem, estatisticamente, uma renda anual equivalente a US\$ 310. Aqui, a renda é de US\$ 4.790.

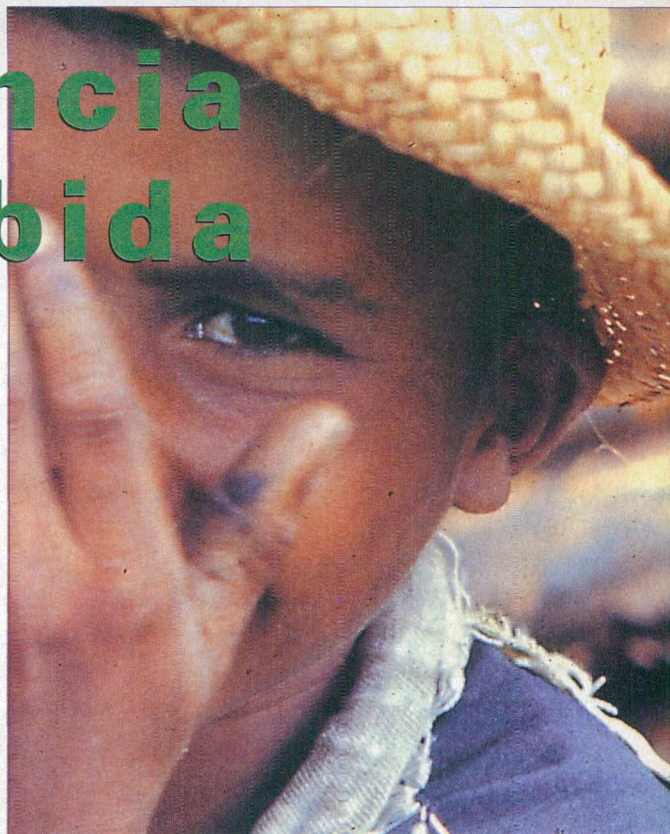
A cada ano, 120 mil crianças são enterradas no Brasil antes de completarem 12 meses de vida. Destas, 57 mil morrem antes da primeira semana. Causas orgânicas: a fome e a falta de saneamento básico, que impede a limpeza da água que se mistura com os alimentos, provocando diarreia. 28,8% da população brasileira não dispõem de rede de esgoto. Causa política: falta de governo.

Nos EUA, a proporção de óbitos infantis é de 8/1.000, o que permite ao país figurar em 31º lugar. Ora, dirão os bem-pensantes, a pátria de Tio Sam é a nação mais rica e poderosa de toda a história. De acordo. Mas,

como reagirão diante do fato de haver empate no 31º lugar? Para ironia do destino, e ira dos que bradam contra o socialismo, a posição americana no ranking é dividida com Cuba.

Isso dá o que pensar. De que vale a rotatividade periódica das urnas se o Brasil abriga, segundo a Unicef, 21,1 milhões de menores de 18 anos em famílias com renda *per capita* de até meio salário mínimo (R\$ 75)? Para o IBGE, são 24 milhões os menores atingidos pela pobreza. Entre a "democracia" de Herodes e a "ditadura" de Fidel, o que seria melhor para dar um tasta na fábrica de anjinhos? Não defendo Cuba como modelo para o Brasil. Mas não tenho dúvidas de que o socialismo ali vigente assegura melhores condições de vida para a maioria do povo do que o capitalismo reinante nos demais países do continente.

Ao desembarcar em Havana, em janeiro de 1998, João Paulo II



viu o enorme cartaz no aeroporto: "Esta noite, milhões de crianças dormirão nas ruas do mundo. Nenhuma delas é cubana". Que outros países da América Latina podem afirmar o mesmo?

No Brasil, o índice de mortalidade infantil cai nas áreas trabalhadas pela Pastoral da Criança, monitorada pela CNBB e sob coordenação da pediatra Zilda Arns, irmã de dom Paulo Evaristo Arns. A pastoral atua em 3.186 municípios do país, através de 124 mil líderes comunitários. Acompanha as gestantes e o desenvolvimento das crianças. A redução da mortalidade é significativa: 15 óbitos em cada 1.000 crianças nascidas vivas.

Só 8% das crianças brasileiras frequentam creches. Há uma lei que obriga toda empresa com mais de 50 funcionários a manter uma creche. Quem cumpre? Quem cobra? Resultado: os pais saem para trabalhar, o bebê fica com o irmãozinho que, por sua vez, perde a escola. E só 51% das crianças entre 4 a 6 anos vão à pré-escola.

Trabalho precoce

Segundo a Unicef, nem tudo anda para trás no Brasil. Nos últimos dez

anos, erradicou-se a poliomielite e aprovou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente. Contudo, 2,9 milhões de brasileiros, entre 5 e 14 anos, trabalham para reforçar a renda familiar. O índice de trabalhadores precoces aumenta para 5,7 milhões na faixa etária de 10 a 16 anos. Segundo o IBGE, 58,8% dos jovens de sexo masculino entre 10 e 24 anos apenas trabalham. E 33,1% das jovens nessa faixa etária. Só nos lixões de nossas cidades trabalham diariamente cerca de 50 mil crianças.

E ainda há quem julgue o brasileiro preguiçoso, avesso ao trabalho, indolente. É a elite deste país que é ambiciosa, egoísta e opressora. O relatório assinala que a renda anual dos 10% mais ricos da população brasileira é 30 vezes superior à dos 40% mais pobres. Nos EUA, a diferença é de 5 vezes. Aqui, 10% da população possui 53% da renda nacional e

E ainda há quem julgue o brasileiro preguiçoso, avesso ao trabalho, indolente. É a elite deste país que é ambiciosa, egoísta e opressora.

93% das riquezas do país.

Uma semana antes de a Unicef divulgar esses dados, Bill Clinton tentou justificar sua arrogância na fracassada reunião da OMC, em Seattle, citando o Brasil como país

que ainda explora o trabalho infantil. Portanto, as exportações brasileiras teriam cada vez mais dificuldade de entrar nos EUA por estarem estigmatizadas pelo sofrimento de tantas crianças. Puro pretexto. É verdade que aqui há exploração da mão-de-obra infantil. Mas é também verdade que os países industrializados admitem cada vez menos que produtos estrangeiros concorram com os similares nacionais. Danem-se o Brasil e todos aqueles que acreditaram, até hoje, no livre comércio.

O presidente do Brasil é professor. No entanto, 1,3 milhão de crianças estão fora das salas de aula. No mundo, são 500 milhões de crianças na miséria. Em 1998, a Unicef calculou que, com US\$ 7 bilhões, em uma década todas as crianças do planeta teriam acesso à educação fundamental, livrando-se do trabalho precoce. E observava: "Essa quantia é menos do que os europeus gastam anualmente com sorvetes". Pensa que as sorveterias européias tiveram seus lucros reduzidos no ano seguinte?

A banalização do sexo pela mídia e a falta de referências ético-religiosas, bem como a desagregação familiar e a pobreza têm favorecido o aumento da gravidez precoce. Pelos dados do IBGE, 50 mil meninas de até 15 anos já tiveram pelo menos uma gravidez. A incidência sobe para 102 mil meninas de até 16 anos de idade.

Estatísticas manipuladas

O Brasil tem perspectiva de melhora? No dia 7 de dezembro o Banco Mundial previu que, neste ano, o Brasil crescerá 2,5%. O governo FHC achou pouco, ficou uma fera, protestou. O ministro Pedro Malan telefonou furioso para Gobind Nankani, re-



Foto: Arsenio



presentante do banco em nosso país. Dois dias depois, o Banco Mundial alterou a previsão para 3,5 a 4%, expondo-se ao ridículo.

Eu acreditava que estatísticas de instituições de gabarito internacional eram frutos de cuidadosas análises. Afinal, o Banco Mundial orgulha-se de empregar competentes economistas,

O Brasil tem, sim, solução. Falta vontade política. Se 8% da renda dos 10% mais ricos fossem transferidos para os 30% mais pobres, acabaria a pobreza absoluta no País.

como William Shaw, Uri Dadush e Mick Riordan. Bem, melhores pra quem? Para os banqueiros ou os desbancados do emprego? É como a política econômica do governo FHC: excelente para quem acumula dinheiro.

Descobri que tudo é uma questão de marketing político. Não convém à imagem do governo FHC, em pleno ano de eleições municipais, merecer previsão tão pessimista do Banco Mundial. Ora, mantém-se a realidade e mudam-se as estatísticas! Vai ver esse pessoal da Unicef anda mancomunado com o MST, a CMP, a CUT, o PT...

O Brasil tem, sim, solução. Falta é vontade política. Estudo do Ipea demonstra que, se 8% da renda dos 10% mais ricos do país fossem transferidos para os 30% mais pobres, ou seja, R\$

35 bilhões, os mais pobres passariam a ter uma renda "per capita" superior a R\$ 120, o que erradicaria a pobreza absoluta no Brasil.

Quanto ao mundo, a Unicef denuncia que há mais crianças na pobreza hoje que há uma década. Nos últimos dez anos, as guerras mataram 2 milhões de crianças. E até o fim deste ano, 13 milhões estarão órfãos em decorrência da disseminação da aids. Diante desses dados, são "cafés pequenos" os infanticídios do faraó que mandou matar os primogênitos hebreus no Egito e do rei Herodes, que trucidou a população infantil de Belém.



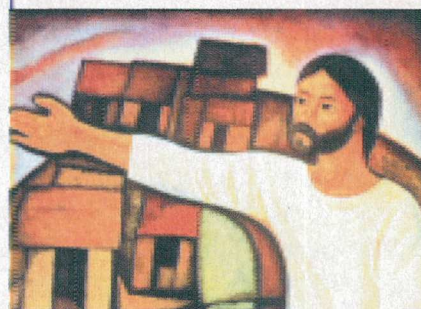
Foto: Pe. Cláudio

Faça também você algo pelas crianças carentes do Brasil: ligue-se à Pastoral da Criança; colabore com a Casa Vida, que abriga crianças com HIV; organize uma creche comunitária ou um serviço de atendimento a gestantes pobres. Sobre tudo, faça de seu voto uma arma capaz de mudar os políticos que nos governam.



Frei Betto é escritor, autor de Sinfonia Universal – a cosmovisão de Teilhard de Chardin, Ática, entre outros livros.

Venha ser um missionário CLARETIANO



150 ANOS PRESENTES E ATUANTES NO MUNDO

Ser missionário é... viver a alegria da doação total.

Os trabalhos são diversos:

- Missão • Serviço Paroquial
- Educação • Meios de Comunicação

Se você é dos Estados:

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, escreva para:

Diacono Ivo Rogério da Silva
Centro Claretiano de Formação Missionária "Padre Clotet"
Rua Vicente Machado, 157 - Jd. Primavera
Cx. Postal, 412 - 85501-970
Pato Branco, PR - Tel. (045) 224-2129
e-mail: clotet@witeduck.com.br

Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal, escreva para:

Pe. Márcio Silva Souza
Secretariado Vocacional Claretiano
Rua da Bahia, 1596 - Cx. Postal, 1438
30160-011 - Belo Horizonte, MG
Tel. (031) 222-3154
e-mail: curiabc@digitus.com.br

São Paulo, Mato Grosso, Nordeste ou outras regiões, escreva para:

Pe. Janivaldo Alves dos Santos, cmf
Secretariado Vocacional Claretiano
Rua Marim Francisco, 556
Santa Cecília - 01226-000 - São Paulo, SP
Cx. Postal 1205 - 01059-970 - São Paulo, SP
Tel. (011) 9978-3893
e-mail: janivaldc@netpoint.com.br
site: www.cmf.br/vocacao

Ética para as televisões

J. B. Libânio

Dois fatos impõem-se pela evidência. Os programas de TV têm-se revelado de baixa qualidade ética, cultural, sobretudo aqueles que enchem os longos domingos, e uma intervenção direta do Estado para regulamentá-los, sob a forma de censura, é extremamente odiosa. Estamos num impasse. Como forçar as TVs a melhorarem seus programas, a respeitarem a dignidade humana, a responderem a um mínimo de ética, sem ter de recorrer à interferência do Estado repressor?

Há dois caminhos possíveis. De um lado, a sociedade civil pode organizar órgãos de defesa do telespectador, como os que já existem para o consumidor. E, nesse caso, conseguir uma legislação que lhes confira poder de coação. O ideal seria que as próprias pessoas envolvidas na mídia criassem um código coerente, consistente de ética que as obrigasse, limitasse-as e as enquadrasse num referencial razoável e justo. E, por sua vez, a classe mesma dos profissionais da mídia julgasse os infratores, como acontece na área médica. E isso serviria para melhorar a imagem desses profissionais e preservar-lhes a dignidade.

O ser humano é ético. As pessoas, que trabalham na mídia, em todos os seus escalões, não estão além de toda suspeita, mas pertencem à condição humana de eticidade. Evidentemente não é fácil construir um consenso ético, sobretudo quando se tem dificuldade de apelar para princípios absolutos. E, por sua vez, os imperativos universais costumam ser

formulados em termos tão gerais que a sua concretização deixa amplo espaço de discussão e permite diversidade de posições.

Talvez se possa ir construindo tal código a partir de pontos graves sobre os quais o consenso é mais fácil de ser construído. Há evidência de que existem aberrações escandalosas nas emissões televisivas. Atentam contra o mínimo da dignidade humana. Há cenas em que pessoas simples são levadas por meio de entrevistas e filmagens a exporem-se ao ridículo



e a humilhações degradantes. Só uma visão deformada do jornalismo pode entender que noticiar qualquer coisa é sua tarefa. Tem conseqüências éticas desastrosas o fator *notícia* ser o critério absoluto da comunicação. O conteúdo e outros elementos que a envolvem não são considerados em nada. Não se respeitam nem as pessoas envolvidas no objeto da notícia nem também o telespectador.

Um Código de Ética mais rigoroso, atualizado, que leve em consideração a dignidade da pessoa humana, num horizonte mais amplo responsável, é grande passo para melhorar

nossa TV. No entanto, ele só não resolve, porque há muitos elementos nos programas televisivos que dificilmente poderão ser enquadrados numa legislação, embora sejam extremamente nefastos. À guisa de exemplo, estão aí os programas de auditório para criança. Só uma análise psicológica mais fina e profunda faz perceber seus efeitos deletérios sobre a estrutura humana da criança.

Na opinião do sociólogo Gilberto F. Vasconcelos, em excelente entrevista dada no *Jornal de Opinião* (30 nov. e 6 dez. 1998 - n. 496), os programas infantis, apresentados pela TV, são extremamente nocivos para as crianças, em razão de encurtar-lhes a infância, de substituir de maneira pior a Escola, de exacerbar os valores consumistas, de erotizá-las precocemente e de despertá-las para a violência.

Eles as imbecilizam. São afirmações graves que deveriam provocar nos pais, nos educadores, em todas as instituições responsáveis pelas crianças, um clamor contra essa devastação psico-moral da atual geração infantil. Por isso, por ocasião da reformulação do Código de Ética para as TVs, caberia verdadeiro debate nacional sobre a gravidade desse problema, especialmente naquilo que afeta diretamente a infância e adolescência.



J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.



Um dia sem ódio ou paz todo dia?

Francisco Gomes de Matos

Em 29 de março deste ano, ao chegar à cidade americana de New Brunswick, onde está Rutgers, universidade do Estado de New Jersey, tomei conhecimento, pelo jornal local, de que aquela data era reservada para “Um dia sem ódio” (em inglês: *A day without hate*). Após o título, vinha este subtítulo: Um dia em que você e eu mudaremos o mundo. Logo abaixo, lia-se esta mensagem: “Imagine um dia inteiro no qual ninguém xingue, grite ou faça julgamentos negativos sobre outras pessoas. Em vez disso, todo mundo proceda com polidez e realize atos bondosos. Parece impossível, não? Mas se você e eu nos empenharmos, talvez possamos mudar o mundo”.

Após a leitura da página, recordei que no programa de cursos oferecidos pelo famoso Institute for Intercultural Communication (Oregon, EUA.), inclui-se uma disciplina chamada Psicologia do Ódio, na qual se estuda hostilidade interpessoal e intergrupal e se dá especial atenção às maneiras de ajudar pessoas que estão sendo/foram vítimas de hostilidade individu-

al ou institucional. Esse tipo de curso objetiva, também, oferecer treinamento em técnicas para recuperação de traumas para quem tenha vivenciado experiências odientas agudas. Assim, a preocupação com



a problemática do odiar parece estar sendo objeto de atenção no mundo acadêmico estadunidense. Mas e aqui, no Brasil, o que estará sendo feito/por fazer?

Em nossas oficinas de comunicação construtiva em Português, para que as pessoas se dêem conta de que o ódio é transmitido primordialmente por meio da linguagem (falada, gestual, escrita, etc.), costumo desafiar grupos a prepararem um mini-dicionário de verbos promotores do bem interpessoal. Essa conscientização pode ajudar no monitoramento de nossa falibilidade comunicativa, principalmente no que diz respeito ao nosso conversar com o próximo. Ex-

perimente o(a) leitor(a): quantos verbos construtivos, dignificantes conhece e usa — começados por “c”? Eis quatro: compartilhar, cumprimentar, convergir, cooperar... Um dicionário de palavras/expressões positivas (potencialmente humanizadoras) faz falta, num mundo em que o odiar, o querer/o tratar mal parece atrair mais atenção em muitos programas de TV, filmes, videogames, etc.

No dia seguinte, tomei café da manhã com Milton Schwebel, Diretor da pioneira revista *Peace and Conflict, Journal of Peace Psychology* (*Paz e Conflito — Revista de Psicologia da Paz*), editada em Rutgers, sob os auspícios da Sociedade para o Estudo da paz, conflito e violência, Associação Americana de Psicologia. O Professor Schwebel trabalha no Departamento de Psicologia Aplicada e Profissional e exerce grande influência entre os psicólogos comprometidos com a paz mundial. Seu e-mail é mschwebe@rci.rutgers.edu <<mailto:mschwebe@rci.rutgers.edu>>. Perguntei como ele interpretava meu conceito de “paz comunicativa”. Respondeu: “Para mim, paz comunicati-

Paz comunicativa significa usar toda nossa inteligência para aproximar as pessoas.



va significa usar toda nossa inteligência para aproximar as pessoas, motivando-as a descobrirem o que as mesmas compartilham e, acima de tudo, tratem-se como dignidade e respeito". Quais alguns dos temas abordados na referida revista? Crianças, Família e Guerras; Ameaça de Guerra Nuclear; Paz e Educação; Paz e Desenvolvimento Sustentável; Políticas e Ações Públicas. Segundo Schwebel, a Psicologia da Paz objetiva prevenir e ajudar a resolver conflitos violentos e suas conseqüências. Esclareceu que tais problemas têm sido pouco estudados em psicologia da paz e que para isso, precisa-se construir e aplicar uma perspectiva de um mundo livre de conflitos violentos, ou seja, necessitamos de uma sociedade mundial em que as culturas da paz se desenvolvam plenamente. Acrescentou aquele pesquisador que os fatores que podem ajudar a promover uma coexistência harmoniosa ainda não têm a prioridade que merecem.

Como a Psicologia pode ajudar a criar futuro digno, sustentável? Como a cultura do superconsumismo pode dar lugar ao uso mais justo dos recursos disponíveis? Conscientizando-nos de que nossa visão de mundo, construída política e socio-culturalmente, tem impacto no meio ambiente. Ainda falando das contribuições da Psicologia, o professor mencionou trabalhos na área da psicologia ecológica, que estuda experiências e interações humanas em contextos físicos, políticos e espiri-

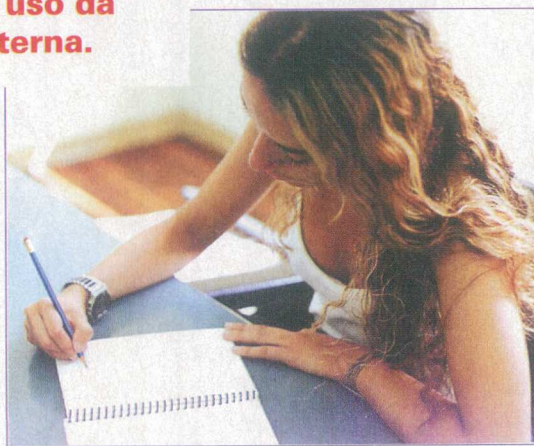
tuais, para a construção de um futuro sustentável.

Para os cristãos: Paz Todo Dia

Após esse convívio intercultural em Rutgers, particularmente com o referido pioneiro em psicologia da paz, perguntei-me se a estratégia — com excelente *marketing* no *campus* universitário e fora deste — do "Dia sem Ódio" não constitui um esforço tímido demais para quem se disponha e se comprometa a aplicar os ensinamentos de Cristo.

Com efeito, somente trabalhando por e para uma paz diária, sustentável, poderemos cumprir nos-

O agir de maneira pacífica pressupõe um saber interagir, comunicar-se harmoniosamente, mas essa paz comunicativa ainda está ausente das salas de aula, principalmente nas práticas de uso da língua materna.



sa responsabilidade cristã. No caso dos que trabalham nas áreas da Comunicação, uma abordagem ainda pouco explorada internacionalmente é o saber comunicar-se de maneira construtiva, dignificante, humanizadora, à luz de princípios oriundos dos Direitos Humanos, tradição recentemente enriquecida com a Declaração Universal de Direitos Lingüísticos, proclamada em Barcelona em 1996 e disponível na internet em www.linguistic-declaration.org

No bate-papo com o professor Schwebel, este admitiu humildemente que há, na psicologia da paz, pelo menos na que vem sendo construída nos EUA, uma lacuna a ser preenchida quanto ao que este articulista chama de paz comunicativa, objeto de seu livro *Pedagogia da Positividade. Comunicação Construtiva em Português*, Recife, UFPE, 1996.

A iniciativa de dedicar-se um dia à paz, num *campus* universitário, por mais louvável que seja, deve ter o caráter de sustentabilidade, um dos princípios norteadores da Ecologia, da Psicologia

Precisamos comunicar a paz, promovê-la em toda a comunidade — assegurando a todos o direito de viver e de conviver de maneira digna e justa — mas precisamos, também, aprender a nos comunicarmos construtivamente, pois ações e palavras

constituem um sistema holístico. O agir de maneira pacífica pressupõe um saber interagir, comunicar-se harmoniosamente, mas essa paz comunicativa ainda está ausente das salas de aula, principalmente nas práticas de uso da língua materna. Que a adolescente psicologia da paz, integrada à bem adulta educação para a paz (quase 40 anos) e à lingüística da paz (recém-nascida)

contribuam, com outras áreas do saber-humanizador para um mundo que se diga não só interdependente mas que, acima de tudo, faça-se justo na distribuição e uso dos recursos planetários.

Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Lingüísticos, da Univ. Federal de Pernambuco. e-mail: fcmg@cashnet.com.br mailto: fcmg@cashnet.com.br



Ymyrapytã: 500 anos!

Elias Leite

YMYRAPITÃ: *ybyrá:* árvore, madeira + *pytã* (*pytanga*): vermelha, cor de fogo ou brasa. Daí, brasil cu braseiro.

Continuamos a série de nomes de cidades de origem tupi, iniciada em janeiro, em homenagem aos assinantes, que residem nessas cidades.

GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO

CIDADE	NOME EM TUPI	SIGNIFICADO	MUNICÍPIO
GUARATINGUETÁ (SP)	uirá'tinga'etá	guiratinga: a garça branca + etá , partícula de plural. As garças brancas. As garças.	98.265 habitantes: 48.157 homens, 50.108 mulheres; da área urbana: 92.107, da área rural: 6.158 / 825 km².
GUARIBA (SP)	ua' ríua	ua'ra: o indivíduo + aíua: feio. Gente ruim. Várias espécies de macacos. Popular, guariba: macaca.	30.442 hab.: 15.510 h., 14.932 m.; área urb.: 29.572, rur.: 870 / 274 km².
GUARUJÁ (SP)	ua'r'u'yá	uarú: o voraz, o comilão + yá: onde vivem. O viveiro, o habitat dos guarus. Variedades de peixes fluviais. Uma espécie de sapo. Há os pequenos guarus dos rios e lagoas, conhecidos por barrigudinhos. Apelido dado a uma tribo de índios. Guarujá, cidade e praia turística na ilha de Santo Amaro.	226.365 hab.: 112.723 h., 113.642 m.; área urb.: 226.357, rur.: 8 / 138 km².
GUARULHOS (SP)	ua'r'ú	O comilão (um peixinho) chamado barrigudo. Guaru apelido de uma tribo que ocupava os arredores de Piratininga, hoje a cidade de Guarulhos, vocábulo aportuguesado.	972.384 hab.: 432.109 h., 490.275 m.; área urb.: 953.997, rur.: 18.987 / 341 km². Importante centro industrial da grande São Paulo. Aeroporto Internacional de Guarulhos.
GUAXUPÉ (MG)	Kua'exu'pe	guá: toca, buraco + exu: abelha + pe: em (local). Abelha que faz o exu no buraco, na terra. Guaxupé: espécie de abelhas ou exu de abelhas.	43.331 hab.: 21.679 h., 21.652 m.; área urb.: 38.694, rur.: 4.637 / 294 km². Produção de latínios.
GUIRATINGA (MT)	uirá'tinga	guirá: pássaro, ave + tinga: branco. A garça.	13.509 hab.: 6.952 h., 6.557 m.; área urb.: 11.834, rur.: 1.675 / 5.813 km².

OBSERVAÇÕES: Dos nomes locais de origem tupi, uns conservam a forma original, outros foram alterados na grafia, outros ainda, por formação inadequada e até fantasiosa, não correspondem à origem da língua e têm sua interpretação dificultada, às vezes até impossível. Como era língua só falada, a grafia ficava por conta do ouvido de quem escrevia. Fontes: IBGE (1996), Enc. Larousse Cultura (1998) e Folha de São Paulo.

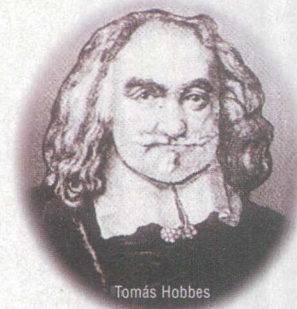
Igreja e Iluminismo

Ronaldo Mazula

No artigo 'O Mundo Moderno e o Humanismo', (AM/abril/99) foi comentado o desenvolvimento das ciências e como, pouco a pouco, o Humanismo e o Renascimento foram criando as bases do pensamento moderno, a partir dos séculos XIV, XV e XVI. Os chamados filósofos renascentistas afirmavam que só por meio da razão e da ciência é que o homem poderia conhecer melhor sua situação, o mundo e a natureza. Aqueles filósofos questionavam a intolerância religiosa, a corrupção do clero e os princípios eclesiásticos da época. Defendiam a fé como único critério de verdade e de conhecimento. Ao mesmo tempo, com o desenvolvimento da chamada 'Revolução Industrial', inicialmente, na Inglaterra e, posteriormente, na França e outros países, surgiu a necessidade de se valorizar a pesquisa científica como meio de se aperfeiçoar o processo de industrialização.

Nos séculos XVII e XVIII nasceu um movimento que exigia mudanças em todos os âmbitos e segmentos da vida humana: nas estruturas sociais, políticas, econômicas, religiosas, etc. Queriam-se uma nova sociedade, livre das amarras medievais, antiquadas, retrógradas e opositoras da evolução da nova sociedade burguesa. Pregava-se o fim do 'antigo regime' e o nascimento de uma nova ordem social. Não se aceitavam mais alguns costumes ou princípios medievais: a nobreza feudal medieval, o direito divino dos reis, o mercantilismo, as regalias do clero e a intolerância religiosa. Seus defensores queriam a ascensão da burguesia e pregavam novo programa de reformas, baseado nos trinômio: igualdade, fraternidade e liberdade.

Esse movimento, que teve suas bases na Inglaterra, alcançou seu auge



Tomás Hobbes

na França do século XVIII e ficou conhecido como Iluminismo, pois segundo os seus defensores as pessoas deveriam ser iluminadas pela razão, ou seja, o racionalismo deveria se impor a todos os outros fundamentos do pensamento humano, de modo especial, o fundamento da fé, tão defendido pela Igreja. Produziu uma crise, que tendia a negar toda a autoridade anterior a ele, colocando o homem como centro de todas as coisas. Toda a autoridade e toda a tradição anterior foram submetidas à revisão e à crítica (veja tabelas abaixo).

CAUSAS DO ILUMINISMO

(Esse movimento teve suas origens na crise social, política e religiosa dos séculos XIV a XVI.)

Formação dos estados modernos: nacionalismo, em oposição à concepção universalista e unitária da Idade Média.

Expansão da cultura laical contra a cultura clerical medieval (ciências naturais).

Humanismo renascentista: o homem começa a se converter em centro de todas as coisas.

Guerras de religião do início do século XVII: demonstraram que o problema religioso não poderia ser resolvido com as armas, dando origem à tolerância; e por sua vez, a necessidade de conviver com indivíduos de diferentes religiões foi criando o indiferentismo e o ceticismo religioso.

As controvérsias religiosas cristãs (galicanismo, jansenismo, quietismo, etc.), que afastaram, abertamente, muitas pessoas da religião.

O Iluminismo na Inglaterra

O Iluminismo nasceu na Inglaterra e depois passou para a França, que foi a grande difusora das idéias iluministas. A Inglaterra contribuiu com idéias fundamentais do Iluminismo no *empirismo* de Charles Bacon. Separava nitidamente fé e razão, revelação e ciência; pois segundo ele, as ciências experimentais tornavam supérfluo o mistério. O cientificismo se constituiu em sinônimo de ateísmo. Para Tomás Hobbes (+1679), a religião era uma criação do Estado, que teria a obrigação de examinar as conveniências ou inconveniências das religiões privadas. O iluminismo inglês se fez mais radical em David



David Hume


Hume (+1776), que com seu ceticismo e sua crítica demolidora lançou por terra todos os fundamentos da religião, negando inclusive a existência de Deus ao não aceitar a validade de todos os argumentos que a provavam. Sua conclusão era a de que também sem religião e sem crer em Deus se poderia ser virtuoso e viver feliz.

Na Inglaterra nasceu o conceito de Deísmo, pois alguns filósofos ingleses, aceitavam o conceito de Deus, mas de um Deus descrentizado, cético e feito com a medida da razão. Não se negava a religião; mas se tratava de uma religião sem mistério, que se reduzia a cinco verdades fundamentais: existência de Deus; sua adoração e culto, que consistiria na virtude e na piedade; obrigação de se arrepender das obras más; remuneração divina nesta vida; e também na outra.

A Franco-Maçonaria

O iluminismo inglês encontrou sua expressão concreta e prática na Franco-Maçonaria, sociedade secreta fundada em Londres em 1717. Seus estatutos foram redigidos pelo sacerdote

anglicano James Anderson (1723). O fim primário da Franco-Maçonaria era o incremento da filantropia e da fraternidade universal. Inicialmente, era uma associação que agrupava os últimos restos dos grêmios medievais de pedreiros. Mas junto a estes pedreiros (maçons) profissionais foram admitidos na sociedade outros membros, "aceitos como maçons, que prevaleceram sobre os primeiros, passando-se assim da "maçonaria artesã" para a "maçonaria simbólica".

A maçonaria se difundiu rapidamente pela Inglaterra, Escócia, Irlanda e depois por outros países. No continente europeu a maçonaria adquiriu logo um caráter inteiramente diverso, sobretudo, nos países latinos, começando pela França: do deísmo originário inglês foi caindo no ateísmo; da "filantropia e fraternidade" passou ao extremo da luta aberta contra a sociedade civil estabelecida e contra a Igreja. A maçonaria tropeçou logo com a oposição da Igreja: Clemente XII a condenou em 1738. No entanto, filiaram-se a ela muitos católicos, inclusive sacerdotes e também alguns bispos.  (Continua no próximo número).

CARACTERÍSTICAS DO ILUMINISMO

(O Iluminismo apareceu primeiro no campo das ciências; mas não ficou aí limitado; estende-se a todos os setores da vida do homem. Era uma nova concepção da vida e do mundo.)

Conversão ao mundo terrestre: o sobrenatural não interessava aos iluministas; não o negavam, mas não se preocupavam com ele.

Racionalismo: a autoridade já não era um argumento; perdera seu valor. Tudo ficava submetido ao critério da própria razão. O espírito crítico era talvez, a característica mais representativa do Iluminismo.

A idéia do progresso indefinido era a utopia dos ilustrados do século XVII.

O novo ideal de humanidade centrava-se na evolução e educação das qualidades humanas necessárias para a vida neste mundo. As tolerâncias civil e religiosa foram sua consequência imediata.

Secularização: antes, a educação formava ao cristão, agora formaria o cidadão.

Os iluministas combatiam os poderes reais, os privilégios da nobreza e do clero, a escravidão, as prisões ilegais e a censura.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:

- ARRUDA J. J. *História Total. Época Moderna e Contemporânea. Ática, São Paulo, 1998.*
- BIDEGÁIN A. M. *História dos Cristãos na América Latina. Vozes, Petrópolis, 1993.*
- MARTINA Giacomo. *História da Igreja. De Lutero a nossos dias. Vol. II, Loyola, São Paulo, 1995.*
- ALVAREZ GOMEZ J. *Manual de Historia de la Iglesia. Publicaciones Claretianas, Madrid, 1987.*
- DUSSEL H. *Historia de la Iglesia en América Latina. USTA, Bogotá, 1984.*
- DUSSEL H. *Historia Liberationis. 500 Anos de História da Igreja na América Latina. Paulinas-Cehila, São Paulo, 1992.*

Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

Ronaldo Mazula

São Norberto (1080-1134)

Os séculos XI e XII fizeram parte de um período em que a Igreja, organizada sob o modelo da estrutura feudal, viveu grande crise por causa da interferência dos nobres e poderosos na organização da vida eclesial. Era comum, naquela época, “a praga da simonia clerical, isto é, o abuso da venda e compra de títulos, funções e cargos eclesiásticos com dinheiro e favores temporais assim como acontecia nas investidas feudais. Aquele abuso, praticamente imoral, colocava a hierarquia eclesiástica sob o controle e arbítrio dos ricos e poderosos... Outra chaga, consequência da primeira, era que nos cargos eclesiásticos se infiltravam elementos indignos, não selecionados, rebeldes à disciplina eclesiástica, sobretudo ao compromisso do

celibato, com grave escândalo para os fiéis”. (Cf. CONTI, Servílio. *O Santo do dia*. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 87).

Foi nesse contexto que nasceu, em Xanten, na Alemanha, São Norberto, um dos líderes da vida consagrada desse período e inovador na forma de se viver a consagração religiosa. De nobre família cristã, seguiu a carreira eclesiástica por mero oportunismo. Após viver um tempo na corte imperial alemã, foi designado para o episcopado. Não obstante, levou vida mundana, como acontecia com muitos clérigos naquele tempo, até o dia em que numa tempestade, após ter sido atingido por um raio, ocorreu a sua conversão. Retirou-se para uma vida de penitência e tornou-se missionário itinerante pobre, percorrendo a Alemanha, a França e a Bélgica. Estudou Teologia e passou a

se dedicar à pregação ambulante, atraindo muitos discípulos com seu testemunho e estilo austero de vida. Na diocese francesa de Laon, foi convidado a dirigir um grupo de clérigos regulares, em Prémontré, e a partir daí, deu-se a fundação da Ordem dos Cônegos Regulares *Premonstratenses*. Esta dedica-se à contemplação, própria dos monges, e à vida apostólica, própria dos sacerdotes, dirigindo-se especialmente, aos pobres e humildes. Posteriormente, foi eleito bispo de Magdeburgo, onde veio a falecer, após inúmeros trabalhos na sua diocese e por outras regiões e países. Ao lado de São Bernardo de Claraval, foi considerado um dos maiores reformadores da Igreja do século XII.

Numa época em que crescem os anti-valores sociais, econômicos e reli-

Santo Irineu (135-202) –

Hoje, a Igreja católica celebra a memória de Irineu, um dos seus grandes santos do século II: bispo, mártir, apologista e escritor eclesiástico. Naquela época, o cristianismo já vivia o período das perseguições. Do século I ao IV, vários imperadores romanos tornaram-se perseguidores dos cristãos porque estes não adoravam os deuses do Império. Ajunte-se a isso o fato de que, nos períodos de crise e dificuldade, os imperadores tentavam conciliar as forças nacionais instrumentalizando a religião por meio do fortalecimento do ‘culto ao imperador’. Como os cristãos só aceitavam adorar Jesus Cristo, o Senhor, eram vis-

tos como opositores políticos do regime e anarquistas. Logo, deviam ser punidos e exterminados. Surgiram, então, os apologistas, escritores cristãos que defendiam o cristianismo dos hereges, dos ataques dos imperadores, das críticas dos intelectuais romanos e das calúnias populares.

Irineu era natural da Ásia Menor e foi discípulo de São Policarpo de Esmirna, um grande líder e mártir cristão do século II. Ordenado sacerdote, foi trabalhar na região de Lião, na França, colocando-se a serviço de muitos cristãos da Ásia Menor que ali formavam uma grande colônia, distinguindo-se pela sabedoria e zelo apostólicos. Es-



- reformador



giosos e o número daqueles que se distanciam do verdadeiro sentido da vida, Norberto é modelo de:

- homem que reestrutura sua vida a partir de profunda experiência de Deus;
- homem que une, com equilíbrio e eficácia, a contemplação e ação;
- cristão que se consagra totalmente a Deus e ao serviço dos mais humildes;
- homem que orienta outros para essa mesma consagração;
- cristão que se propõe a fazer reformas na comunidade para o reino de Deus se tornar realidade na vida das pessoas.



6 de junho

bispo e mártir

teve em Roma participando das discussões a respeito da data pascal. Naquele mesmo período foi feita uma perseguição contra os cristãos de Lião. Ao retornar à cidade foi aclamado bispo pelo povo e pelo clero. Foi um bispo muito dedicado e ajudou bastante na expansão da Igreja. Escreveu várias obras, seja para aprofundar a doutrina cristã seja para defendê-la dos ataques de seus opositores e hereges, de modo especial, dos defensores da heresia gnóstica. Segundo antiga tradição, foi martirizado na perseguição do imperador Severo, no ano 202 e hoje ele é venerado na catedral de Lião.

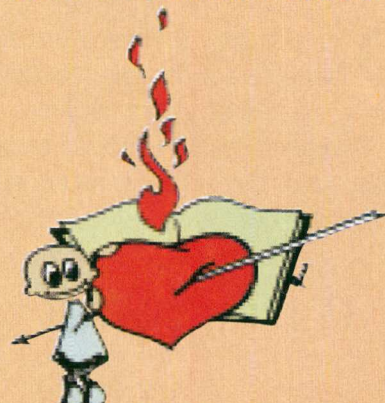
Atualmente, num mundo conturbado por tantos problemas e teorias falsas e enganosas, o Cristianismo precisa de homens que como Irineu sejam modelo de:

- dedicação total a Deus e aos irmãos;
- pastor zeloso que cuida de seu povo e da integridade da comunidade eclesial;
- escritor que reflete profundamente sobre a doutrina cristã e procura defendê-la das heresias e confusões doutrinárias.



28 de junho

**VENHA
SER
AGOSTINIANO
OU
AGOSTINIANA**



**JOVEM,
O SEU
CORAÇÃO
ESTÁ
INQUIETO?**

ENTRE EM CONTATO:

**FREIS
AGOSTINIANOS**

Seminário Santo Agostinho
BRAGANÇA PAULISTA, SP
Caixa Postal 62
CEP 12 914-970
Tel.: (0 __ 11) 7844-1771

**IRMÃS
AGOSTINIANAS**

Secretariado Vocacional
São Paulo, SP
Rua Bagé, 73
CEP 04 012-140
Tel.: (0 __ 11) 571-8959

EM QUE DEUS ACREDITAMOS?

Solenidade da Santíssima Trindade
18 de junho de 2000

INTRODUÇÃO

O Deus da Bíblia é diferente do deus dos pagãos ou daquele que é adorado pelos fiéis de outras religiões.

Está perto de nós, interessa-se por nossos problemas, intervém para guiar nossas vidas.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Dt 4,32-34.39-40

Se alguém nos pedisse para falarmos do nosso Deus, de expor-lhe o que ele faz, estaríamos preparados para responder?

Talvez, na prática, falássemos de um deus não muito diferente do de outras religiões.

As leituras de hoje foram escolhidas para nos ajudar a purificar o coração das falsas imagens que, conscientemente, ou não, habituamo-nos a fazer de Deus.

Nesta primeira leitura, o autor convida os hebreus, que eram escravos no Egito, a repensar sua história.

A conclusão é que nunca se tinha ouvido falar que um deus tivesse resolvido intervir com tanto poder para libertar o seu povo, como ele fez com Israel.

Portanto, não poderiam desanimar, mas lembrar-se de que se ele tinha assistido seu povo antes, haveria de fazê-lo, também agora.

No meio das dificuldades e angústias pelas quais todos nós passamos na vida, também devemos aprender, como os israelitas, a não nos sentirmos sozinhos e abandonados.

O Senhor acompanhou-nos em todas as vicissitudes da vida, alegrou-se com nossas vitórias, enxugou as nossas lágrimas, foi compreensivo e soube reparar até os nossos erros. Por que não o faria, agora?

Sentimo-nos, às vezes, inclinados a depositar a nossa confiança em outros deuses que não nos pedem para mudar nosso coração, que nos permitem continuar praticando a maldade com os irmãos, alimentando rancores, vingança, sendo corruptos e desonestos.

Mas esses são deuses falsos. Prometem liberdade e alegria, mas proporcionam somente escravidão e muita tristeza.

Observemos, portanto, as leis e as prescrições de Deus, para que sejamos felizes, nós e nossos filhos (cf. v. 40).

2ª leitura Rm 14-17

Os antigos pagãos que viviam em Roma, uma vez convertidos para o cristianismo, alegravam-se por vir a conhecer que há um só Deus, santo, onipotente, mas "Pai" (Abá!).

É esse o conteúdo da mensagem de Paulo aos romanos, envolvendo num único e agora maravilhoso destino de família, o Pai, Jesus, o Espírito Santo e nós, filhos de Deus.

Não somos mais escravos de ninguém. Por isso, Deus nos deu por guia seu próprio Espírito, para que nos comportemos com amor para com os outros e para com Deus.

Ele não nos manifestou o segredo da sua vida para colocar-nos diante de um enigma — um Deus em três pessoas — mas sim para dizer-nos que somos predestinados a ser seus filhos, irmãos de Cristo, transformados pela energia do seu Espírito.

Evangelho Mt 28,16-20

Sem dúvida, este trecho do Evangelho de São Mateus foi escolhido para este domingo, porque contém a



fórmula com a qual nas comunidades primitivas eram batizados todos os cristãos, como se faz até hoje nas nossas.

Jesus fala que toda autoridade lhe foi dada no céu e na terra. Essa autoridade não significa domínio ou tirania de Jesus sobre toda a criação, mas serviço. Consiste no poder de salvar, de conduzir a Deus todos os homens.

Ele não guarda para si essa autoridade mas comunica-a aos discípulos. Passam a ser estes o elo de continuidade da sua presença no mundo. Dele recebem a incumbência de completar a sua obra, fazendo chegar a todos a sua salvação.

Esta é oferecida pelo anúncio da mensagem evangélica e pelo batismo. Essas duas ações transformam os homens em discípulos e introduzem neles uma vida completamente nova.

Depois do batismo, aceitam Cristo como único Mestre e seguem o caminho indicado por ele.

Esse sacramento não deve ser interpretado como um gesto quase mágico, capaz de proporcionar automaticamente a salvação. É um germe de vida, é uma semente à qual é preciso dar condições de crescer e de produzir frutos.

REFLEXÃO

Jesus disse: *Eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo.* Estamos convencidos desse fato? Acreditamos que ele nunca nos abandona, que nunca desiste, que nunca perde a paciência conosco? ■

O SANGUE DA NOVA ALIANÇA

Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

22 de junho de 2000

INTRODUÇÃO

Apresentemos nossa eucaristia (ações de graças) a Cristo por ter-se dado todo ao Pai por nós. O melhor modo de fazê-lo é participarmos deste corpo e deste sangue, deixados em alimento, sob as aparências do pão e do vinho.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Ex 24,3-8

Este trecho do livro do Êxodo descreve o rito da aliança, concluída entre Deus e o povo de Israel, junto ao Sinai. Moisés refere ao povo as condições apresentadas pelo Senhor, expõe os seus preceitos e pergunta-lhe se está disposto a cumprir tudo. O povo escuta atentamente e, por fim, proclama a sua decisão: aceita a proposta do Senhor.

Então Moisés, como intermediário, toma o sangue dos sacrifícios e une simbolicamente os dois contraentes. Aquele gesto significava que daí para frente Deus e Israel eram uma única pessoa, era como se nas suas veias corresse o mesmo sangue.

Sabemos que o povo não foi fiel à aliança. Deus, porém, não esmoreceu. Pela boca dos profetas prometeu que um dia estabeleceria uma nova aliança que seria cumprida com fidelidade.

Somos o povo da nova aliança que, selada na eucaristia, exige o nosso compromisso e a nossa fidelidade.

A eficácia da eucaristia está ligada à firmeza da nossa decisão de deixarmos identificar sempre mais com Cristo

que recebemos no sacramento. Se faltar esta fé, se não houver esta adesão interior, nem mesmo o sangue da nova aliança poderá produzir os seus frutos.

2ª leitura Hb 9,11-15

Opovo de Israel celebra, a cada fim de ano, a grande Festa da Expição, que tem como finalidade apagar os pecados cometidos durante o ano e renovar os laços de amizade com Deus. O sumo sacerdote entrava sozinho na sala, chamada o Santo dos Santos, onde se acreditava estar presente Deus e ali derramava o sangue da aliança.

O autor da Carta aos Hebreus compara aquele gesto do sumo sacerdote ao de Jesus e afirma que a Nova Aliança é superior à antiga. Pois, agora é Cristo quem oferece o próprio sangue, uma única vez, porque tem valor infinito e purifica todos os homens de seus pecados.

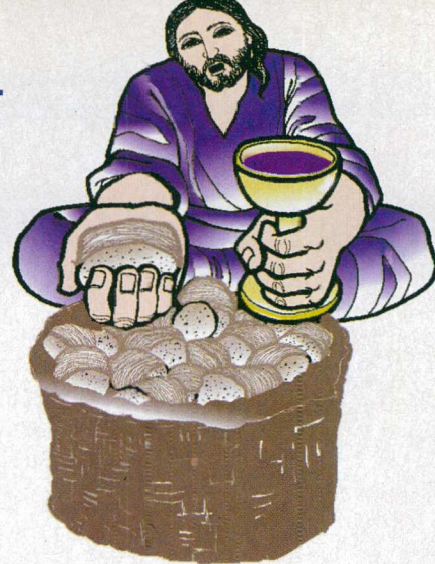
Geralmente todos procuramos evitar oferecer a própria vida e preferimos sacrificar a vida dos outros. Cristo, ao invés, doou o próprio sangue e ensina-nos a fazermos o mesmo.

Há, por outro lado, também aqueles que procuram melhorar as condições da própria família que preparam um futuro melhor para os próprios filhos, que ajudam os irmãos da comunidade, sacrificando a si mesmos, que renunciam a todos os gastos supérfluos, que começam o trabalho antes do amanhecer e param somente depois do cair da noite, cumprindo as próprias obrigações com seriedade.

Podemos, portanto, afirmar que quem age desse modo derrama o próprio sangue pelos irmãos, colabora com Cristo na destruição do pecado e participa da criação de uma nova humanidade.

Evangelho Mc 14,12-16.22-26

O que significa aproximar-se do altar para comer o pão e beber o vinho do cálice do Senhor?



Alguns reduzem esse sacramento a um encontro quase sentimental com Jesus, quase que a um ardil para conseguir ficar bem pertinho dele, para assim rezar com mais devoção e conseguir graças especiais.

Essa forma de interpretar a eucaristia sem dúvida é muito falseada e certamente altera o seu verdadeiro sentido.

Meditamos na 1ª leitura que Israel se tornou um "consangüíneo" do Senhor, mediante a cerimônia da Antiga Aliança.

Aquela aliança tinha objetivos terrenos: ajudava o povo a conseguir a proteção do Senhor para a conquista da terra prometida, a defesa contra os inimigos, a abundância das colheitas. O sangue da Nova Aliança não tem esses objetivos materiais, mas visa criar uma comunidade de irmãos que sejam "consangüíneos" de Cristo.

A eucaristia é sempre o alimento de uma comunidade. O pão é partido entre irmãos (dois ou mais), porque é a comunidade o sinal da nova humanidade nascida da ressurreição de Cristo.

REFLEXÃO

O que significa para nós a eucaristia? Temos consciência de que, ao comungarmos, fazemo-lo em comunidade? Estamos convencidos de que devemos ter como lei o serviço dos irmãos, até o dom da própria vida? ■

JESUS DOMINA AS ONDAS DO MAR

12º domingo do Tempo Comum

25 de junho de 2000

INTRODUÇÃO

Ter fé significa abandonar-se a Deus, mesmo quando ele “dorme”! Temos certeza de que nenhuma dificuldade nos derrubará; ele já a venceu. Isso, porém, não tira nossa parte. Somos convidados a lutar ao seu lado, enfrentando as adversidades, sem desânimo.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Jó 38,1.8-11

A função deste pequeno trecho do Livro de Jó, apresentado para nossa reflexão, é ajudar-nos a entender o evangelho de hoje. São imagens sugestivas, que nos transmitem uma idéia perfeita do total e absoluto domínio de Deus sobre tudo aquilo que possa ameaçar a ordem da criação e a vida dos homens.

Se analisarmos, porém, tudo o que acontece no mundo, na nossa pátria, na nossa família, temos, às vezes, a impressão de estarmos diante de uma grande desordem, de um caos assustador. Os poderosos, os espertos, os malvados dominam, por todos os lados. Praticam-se injustiças, acontecem desgraças, as doenças se alastram, pessoas inocentes são vítimas de sofrimentos.

É que Deus não responde às nossas indagações, diretamente. O que ele faz é pedir-nos uma confiança total em seu amor. Quer que, não obstante todas as aparências contrárias, acreditemos que ele está conduzindo os acontecimentos da história e da vida de todos nós.

2ª leitura 2Cor 5,14-17

A certeza de que Cristo está sempre conosco é também o tema da segunda leitura.

Daí, a alegria que deve impregnar toda a nossa vida. Paulo escreve sobre essa nova realidade do cristão: *Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo!* É um apelo ao otimismo, a não olharmos para trás, para os nossos pecados, para os nossos fracassos, para o nosso passado. Quando aparece o novo, não adianta deixar-nos tomar pela angústia por causa dos erros cometidos por nós ou pelos outros. É preciso olhar para frente e deixar-se conduzir pela esperança.

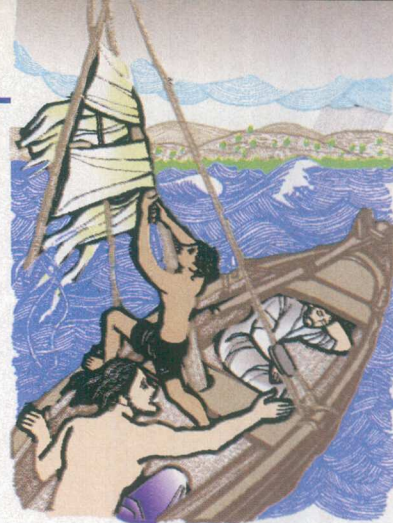
Depois que Cristo morreu por todos nós para comunicar-nos a vida por sua ressurreição, é claro que não podemos mais viver egoisticamente para nós. Mas todos devemos viver para Cristo, testemunhando, com nossas atitudes, aquela sua doação total aos irmãos.

Evangelho Mc 4,35-41

Marcos quer mostrar-nos quem é Jesus. Para isso, apresenta-o como dominador das águas, do demônio, das enfermidades e da morte. Hoje, ao narrar o primeiro milagre, detém-se mais na reação dos discípulos. Em que ponto estavam na fé, eles, seus amigos? A decepção é amarga: *Como sois medrosos! Ainda não tendes fé?*

Como os discípulos, nós também, no barco da vida, às vezes, temos a sensação de estar sendo tragados pelos acontecimentos e pelas dificuldades. Há momentos durante os quais nos sentimos só e incapazes de reagir diante da maldade e dos dramas da vida. Isto acontece, por exemplo, quando surgem graves problemas na família, como infidelidades do marido e da mulher, mau comportamento dos filhos, doenças, dificuldades econômicas...

Nessas horas, perguntamo-nos:



Onde está Deus? Onde está Cristo? Por que não intervém? Por que não mostra o seu poder? Por que não faz justiça?

Parece, em verdade, que Jesus esteja dormindo. Sentimos que está longe ou mesmo completamente ausente. O seu silêncio nos desconcerta e nos incute medo.

O que fazer então? O evangelho de hoje nos ensina que acima de tudo não devemos nos surpreender com essas coisas. Fazem parte da vida e, cedo ou tarde, todos passamos por alguma experiência dramática. Lembra-nos ainda que não devemos fazer como os Apóstolos, pois estes se esqueceram de que o Mestre estava com eles.

Jesus nos revela um Deus que “dorme”, que ceixa as coisas como estão, que não tem nada a temer diante do desencadear-se da violência do mal. É um Deus que deixa fazer, que permite que as invejas, as rixas, as mentiras, as injustiças se espalhem e que os acontecimentos sigam seu curso. É que ele se serve das próprias forças do mal para realizar o seu projeto de salvação e de amor.

REFLEXÃO

Como os discípulos, lembramo-nos de Jesus, somente quando nos encontramos numa situação desesperadora? Os que estão ao nosso redor podem sentir nossa alegria e otimismo, porque cremos que Jesus está sempre conosco? ■

DIA DO PAPA

Solenidade de São Pedro e São Paulo, Apóstolos

2 de julho de 2000

INTRODUÇÃO

Pedro e Paulo: dois nomes que, ao longo dos séculos personificaram a Igreja inteira, em sua ininterrupta Tradição.

Ainda hoje, o Papa invoca a autoridade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo quando, em seus atos oficiais, quer referir a Tradição à sua fonte: a palavra de Deus.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura At 12,1-11

A vida das testemunhas de Cristo reflete a do Mestre. Pedro é preso nos dias dos ázimos, como Jesus, embora sua morte seja deixada para depois da Páscoa.

Mas a missão de Pedro ainda não tinha terminado. Lucas narra como foi libertado, e nessa descrição encontramos um dos seus temas preferidos.

A Igreja está em oração incessante; e esta é atendida pelo envio de um anjo.

O significado do relato está, então, manifesto: para merecer desempenhar o ministério plenipotenciário do Messias, Pedro deve passar pela mesma provação e libertação que seu Senhor. Como Cristo, Pedro se torna assim, aos olhos da comunidade cristã, o tipo do libertador, a testemunha da realidade da salvação pascal.

2ª leitura 2Tm 4,6-8. 17-18

Este trecho é intitulado comumente “o testamento do Apóstolo Paulo”. Compõe-se de algumas recomendações a Timóteo para que viva seu mi-

nistério, pensando também na coroação de sua vida. Comporta a satisfação de ter cumprido bem a sua missão, o anúncio da próxima partida para junto de Deus, a constatação da situação bastante difícil por que está passando e uma confiança absoluta na ajuda de Deus.

Paulo está quase certo de que vive seu último processo; além disso, sofre um isolamento muito grande, o que não constitui a menos dolorosa das provações de seu cativo.

Mas permanece fiel à sua missão no interior mesmo da provação, pois esta permitiu que falasse a seus juizes pagãos e lhes anunciasse seu evangelho. Como acreditar que a provação seja o fracasso de sua missão, quando lhe oferece uma ocasião de evangelizar!?

Evangelho Mt 16,13-19

Este trecho do Evangelho de São Mateus compõe-se de duas partes: a primeira é a confissão de Pedro, porta-voz dos Doze, sobre a messianidade de Jesus e, nela inserida; a segunda, a promessa do primado que Jesus faz a Pedro.

O relato centra-se, assim, na dupla troca de títulos entre Jesus e Pedro. Este dá ao primeiro o título de Messias; Jesus responde dando ao segundo o título de Pedro e conferindo-lhe os poderes messiânicos das chaves.

Pedro recusa dar a Cristo o título de Servo Sofredor; Cristo replica, dando-lhe o título de pedra de escândalo. (Para se ter a compreensão completa do texto de Mateus, é preciso prolongar a leitura até o versículo 23).

O título dado a Jesus é essencialmente messiânico: “tu és o Cristo”. Mateus, porém, desdobra o título, acrescentando: “o Filho do Deus vivo”. Esta última expressão designa a divindade propriamente dita de Jesus.

Trata-se, com efeito, de expressão



frequentemente usada também no Antigo Testamento para designar os anjos, os juizes e o rei. Ser reconhecido, porém, como Messias é ser declarado homem como jamais haverá um outro para dar um sentido à vida e fazê-la realizar-se plenamente.

Basta que sua messianidade seja reconhecida para que Cristo, pelos menos na versão de Mateus, preocupe-se em fazer Simão partilhar dela. Primeiramente lhe dá o título messiânico de Pedro, que lhe ficará ligado como nome pessoal. Transmite, assim, ao apóstolo as prerrogativas de invulnerabilidade e firmeza atribuídas a Davi, a Sião e ao Messias.

Em seguida, confere-lhe o ‘poder das chaves’. Cristo detém as chaves da morada de Davi; é o guardião-mor da casa do Pai e confia a Pedro o cuidado de assumir essa função.

Assim, a ruptura com Israel é agora definitiva; não será mais a planta de Deus: *Toda planta que meu Pai celeste não plantou, será arrancada pela raiz* (Mt 15,13). Israel tinha tido inúmeras oportunidades, dadas por Deus, mas não tinha sabido aproveitá-las.

REFLEXÃO

Quem é Cristo para nós? Deixamos que ele dê sentido à nossa vida? Acreditamos que o “novo povo” (a Igreja) está fundamentado sobre a rocha que, visivelmente, depois que Jesus inaugurou um novo tipo de presença, é o papa?

A FORÇA DE DEUS SE MANIFESTA NA FRAQUEZA

14º domingo do Tempo Comum
9 de julho de 2000

INTRODUÇÃO

Um humilde artesão, que durante trinta anos não fez outra coisa senão arrumar portas e janelas e fabricar enxadas e arados, poderia ser o Messias? Hoje, não há também quem pense implantar o reino de Deus com o dinheiro, imposição e apoio político?

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Ez 2,2-5

Os profetas eram, antes de tudo, pessoas chamadas por Deus. Não eram suas qualidades que lhes conferiam autoridade para falar em nome do Senhor, mas sim o fato de terem sido chamados por ele.

Dos profetas, Deus esperava somente uma coisa: que transmitissem a sua palavra com fidelidade.

Quem comunica a palavra de Deus, deve, antes, encher-se de Deus. Ou seja, deve escutar com muita atenção aquilo que, no íntimo da oração, Deus lhe sugere e, em seguida, anunciar fielmente aquilo que ouviu.

Por força de nosso batismo, fomos constituídos por Deus, comunicadores de sua palavra aos outros, ou seja, profetas. Mas, antes de anunciá-lo com a boca, devemos fazê-lo com a vida.

2ª leitura 2Cor 12,7-10

Esta passagem que a liturgia nos apresenta, hoje, para nossa meditação, faz menção a algo muito doloroso para Paulo. Ele o compara a um espinho na carne, que o incomoda muito.

Acrescenta ainda que lhe serve para que ele não se encha de orgulho.

Depreende-se, por isso, que se trata das perseguições e obstáculos que lhe punham os judeus, a quem Paulo chama de seus irmãos e consangüíneos segundo a carne (cf. Rm 9,3). Criavam-lhe problemas, impedindo-o de exercer seu apostolado. Nessa situação, Deus lhe faz compreender que não deve pedir a eliminação das dificuldades, mas só a graça de superá-las. Ele não isenta o profeta da fraqueza da sua condição humana, como doenças, cansaço, deficiências, mas quer que pela fraqueza do instrumento se manifeste o seu poder.

Se Paulo aceitar que nada pode fazer, ficará muito mais evidente a força salvífica de Deus.

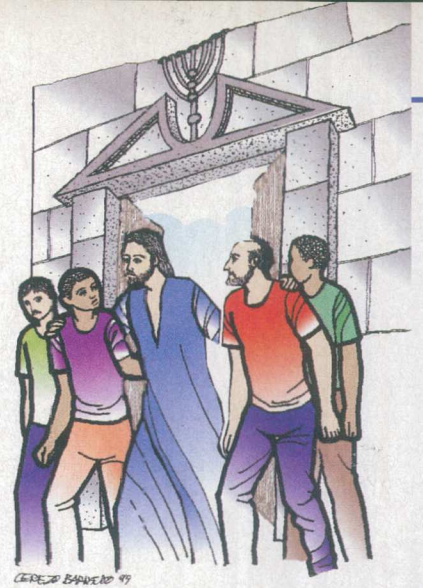
O que aconteceu ao Apóstolo repete-se freqüentemente também em nossas comunidades. Há pessoas que se envolvem generosamente na pregação do evangelho, que dedicam gratuitamente tempo, energias e até colaboração financeira para a própria comunidade, mas que, por causa de invejas, de ciúmes, de incompatibilidade de gênio ou de idéias, tornam-se alvo de críticas injustas e, às vezes, até de autêntica perseguição por parte de seus próprios irmãos na fé.

Isso traz muito sofrimento, mas Deus não elimina milagrosamente as diferenças. Dá-nos, porém, força para superá-las. A vitória no trabalho apostólico não será do discípulo, mas do dono da messe, o Senhor Jesus.

Evangelho Mc 6,1-6

Causa-nos surpresa que não sejam os poderosos de Israel, mas o povo simples que rejeita Jesus. Por que será?

Naquele tempo, todos esperavam que o Messias, quando viesse, seria um guerreiro forte e valente e não um humilde carpinteiro que durante trinta anos não fizera outra coisa senão



utilitários de madeira para as casas e para o campo. Os habitantes de Nazaré enganam-se pensando que, para realizar os seus projetos, Deus precise de meios portentosos e que eles consideravam indispensáveis.

Nós também podemos cair na tentação de julgar que a conversão dos corações não poderá ser conseguida com recursos fracos e que irá depender de nossos extraordinários meios.

Eis, ao contrário, a surpresa: Deus realiza feitos fora do comum servindo-se daquilo que os homens desprezam e julgam sem valor. Por que Jesus aparenta fraqueza diante da recusa dos seus conterrâneos?

Porque ele não impõe a sua salvação, somente a propõe. A palavra de Deus se torna ineficaz pela falta de fé.

O evangelho de hoje apresenta Jesus que volta espontaneamente à sua aldeia. Não sozinho, mas junto daqueles que ele considera seus novos irmãos, aqueles que aderiram à sua palavra, à nova lógica do reino de Deus.

REFLEXÃO

Sabemos aceitar os “espinhos” que aparecem em nossos trabalhos? Custa-nos aceitar que a eficácia de nossa pregação, ou catequese, é dom de Deus e que, por isso, depende de nossa fé em Jesus e de muita oração? Compreendemos que os bons resultados vêm dele e não de nossos supermeios? ■

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DE SEMANA DE JULHO

12ª SEMANA DO TEMPO COMUM

1º - sábado: *Imaculado Coração de Maria.* Is 61,9-11 = O Senhor me revestiu e adornou como uma jovem esposa. Lc 2,41-51 = José e Maria procuram e reencontram Jesus no Templo.

13ª SEMANA DO TEMPO COMUM

3 - segunda: *S. Tomé, Apóstolo.* Ef 2,19-22 = Edificados sobre o fundamento dos apóstolos. Jo 20,24-29 = Tomé, um dos Doze, não estava com eles.

4 - terça: Am 3,1-8; 4,11-12 = Deus pronuncia-se contra o povo impenitente. Mt 8,23-27 = Tempestade acalmada: Senhor, salva-nos!

5 - quarta: Am 5,14-15.21-24 = Não bastam holocaustos; praticai o bem e a justiça. Mt 8,28-34 = Os dois endemoninhados e os porcos.

6 - quinta: Am 7,10-17 = Amós, expulso pelo sacerdote Amasias, recebe missão divina. Mt 9,1-8 = O paralisado e o perdão dos pecados.

7 - sexta: Am 8,4-6.9-12 = Vós que engolis o pobre...sereis duramente castigados. Mt 9,9-13 = Vocação de Mateus; Jesus com os "pecadores".

8 - sábado: Am 9,11-15 = Promessas de restauração e reconstrução. Mt 9,14-17 = Jejum quando se for o esposo; remendo novo, recipiente novo.

14ª SEMANA DO TEMPO COMUM

10 - segunda: Os 2,16.17b-18.21-22 = Conversão da esposa e casamento. Mt 9,18-26 = A filha do chefe (Jairo); a hemorroíssa.

11 - terça: Os 8, 4-7.11-13 = Punição pelo pecado da idolatria. Mt 9,32-38 = Compaixão de Jesus pelo povo que sofre.

12 - quarta: Os 10,1-3.7-8.12 = Destruição do culto idolátrico; tempo de buscar Deus. Mt 10,1-7 = Escolha dos doze apóstolos; instruções para a missão.

13 - quinta: Os 11,1-4.8c-9 = Amor incansável de Deus pelo seu povo. Mt 10,7-15 = Conselhos aos missionários.

14 - sexta: Os 14,2-10 = Apelo à conversão: verdadeiro arrependimento e perdão. Mt 10,16-23 = Instruções sobre perseguições futuras: ovelhas entre lobos.

15 - sábado: Is 6,1-8 = Visão divina e vocação de Isaías. Mt 10,24-33 = Não tenhais medo daqueles que matam o corpo.

15ª SEMANA DO TEMPO COMUM

17 - segunda: Is 1,10-17 = Vossas oferendas, não a multidão dos vossos crimes. Mt 10,34—11,1 = Desprendimento; perseverança: vim trazer a espada.

18 - terça: Is 7,1-9 = Isaías exorta Acaz a confiar em Deus. Mt 11,20-24 = Aviso de Jesus às cidades impenitentes: Ai de ti, Betsaida!

19 - quarta: Is 10,5-7.13-16 = Oráculo contra os magistrados injustos e contra a Assíria. Mt 11,25-27 = O evangelho reservado (revelado) aos pequeninos.

20 - quinta: Is 26,7-9.12.16-19 = Cântico dos remidos: na angústia clamamos a vós. Mt 11,28-30 = Vinde a mim e eu vos aliviarei, e achareis repouso.

21 - sexta: Is 38,1-6.21-22.7-8 = Doença e cura do rei Ezequias. Mt 12,1-8 = Espigas colhidas no sábado.

22 - sábado: *Sta. Maria Madalena.* Ct 3,1-4a = Busquei aquele que meu coração ama. Jo 20,1-2.11-18 = Aparição a Maria Madalena.

16ª SEMANA DO TEMPO COMUM

24 - segunda: Mq 6,1-4.6-8 = Deus em juízo com seu povo. Mt 12,38-42 = O "sinal" do profeta Jonas.

25 - terça: *S. Tiago (Maior), Apóstolo* = 2Cor 4,7-15 = Não desanimemos do ministério que Deus nos confiou. Mt 20,20-28 = Todo aquele que quiser tornar-se grande entre vós, faça-se vosso servo.

26 - quarta: *S. Joaquim e Ana, pais de Maria Santíssima.* Eclo 44,1.10-15 = Nunca foram esquecidas as obras de sua caridade. Mt 13,16-17 = Ditosos os vossos ouvidos, porque ouvem!

27 - quinta: Jr 2,1-3.7-8.12-13 = Ingratidão de Israel. Mt 13,10-17 = Por que Jesus se expressava em parábolas.

28 - sexta: Jr 3,14-17 = Eu vos darei pastores segundo o meu coração. Mt 13,18-23 = Explicação da parábola do semeador.

29 - sábado: *Sta. Marta.* 1Jo 4,7-16 = Todo que ama é nascido de Deus. Jo 11,19-27 = Respondeu-lhe Marta: "Sei que há de ressurgir na ressurreição no último dia".

17ª SEMANA DO TEMPO COMUM

31 - segunda: Jr 13,1-11 = Cinto estragado, símbolo da aliança violada. Mt 13,31-35 = Grão de mostarda; fermento.

Quais os sintomas do alco

Donald Lazo

A maioria dos livros sobre o alcoolismo relaciona os sintomas da doença. Estas relações variam de um livro para outro e uma das razões por que variam é que os sintomas mudam de acordo com o estágio do alcoolismo em que o bebedor se encontra. Na minha relação de sintomas, a seguir, coloquei-os na ordem em que apareceram na minha vida no decorrer dos vinte e três anos em que bebi. Eis os sintomas do meu alcoolismo: (veja quadro abaixo).

Vale notar que o alcoolismo é uma doença progressiva. Isto significa que todos os sintomas, relacionados acima, são progressivos também. Com o passar do tempo, tornam-se cada vez mais freqüentes e/ou intensos.

Embora a droga álcool mate muito maior número de pessoas que todas as drogas ilegais em conjunto (a única droga que mata mais que o álcool é o fumo), geralmente demora mais tempo a criar nelas a dependência do que as outras drogas. É esta len-

tidão com que o bebedor desenvolve os sintomas do alcoolismo que torna difícil identificá-los com clareza. Os que convivem com alcoólatras vão se acostumando e se adaptando às alterações lentas de modo a não perceber, de um mês para outro ou até de um ano para outro, as mudanças que nele estão-se efetuando. Por exemplo, o marido sai do escritório no fim da tarde e pára para tomar um drinquezinho no bar da esquina antes de ir para casa. Não demora muito porque sabe que o horário de jantar em casa é às 7h30. Mesmo assim, com o passar das semanas e meses, vai demorando, cada vez mais, no bar e chegando em casa sempre mais tarde. A progressão do horário, porém, é tão lenta — e tão facilmente explicada "com o trânsito e as chuvas", etc., etc. — que a esposa vai-se acostumando a preparar o jantar cada vez mais tarde. Assim,

quando a família senta à mesa às 9h da noite mal se lembra que havia uma época, alguns anos atrás, em que costumavam sentar para jantar às 7h30. A lentidão da progressão esconde esta mesma progressão.

Passarei, então, a comentar cada um dos sintomas, consciente de que vão ser necessários vários artigos para tratar de todos eles.

Os que convivem com alcoólatras vão se acostumando e se adaptando às alterações lentas de modo a não perceber, de um mês para outro ou até de um ano para outro, as mudanças que nele estão-se efetuando.



Pensamentos voltados para a bebida.

O próprio bebedor que acabará se tornando alcoólatra não percebe que, medida em termos de minutos por dia, sua mente fica cada vez mais ocupada com pensamentos da bebida e do beber com o passar do tempo. Nos primeiros anos, esses pensamentos são pensamentos de antecipação. Ele já aprendeu há muito — provavelmente na primeira vez em que bebeu — que encontrara uma substância (a bebida alcoólica) que se tornou o elixir da vida e que sempre o deixou sentindo-se melhor. Assim, há uma expectativa crescente de que irá se beneficiar bastante na próxima vez que beber. Cada vez mais, aguardará, com antecipação agradável, as ocasiões em que rolará a bebida. Após um período variável de experiências agradáveis com a bebida, deixará de aguardar ansiosamente o próximo convite para uma festa ou passará ele mesmo a dar as festas ou a combinar encontros em que beberá!

1. Pensamentos voltados para a bebida.
2. Tolerância e, portanto, uso crescente.
3. Mudança de humor e personalidade, ao beber.
4. Problemas ocasionados pelo beber.
5. Ocasões de perda de controle.
6. Auto-imposição de regras.
7. Comportamento inflexível em relação à bebida.
8. Mudança das regras.
9. Vergonha e sentimento de culpa
10. Negação da realidade.
11. Amnésia alcoólica ("blecautes").
12. Perda de valores.
13. Pensamentos suicidas.
14. Rendição à bebida.



olismo?



Anos mais tarde, quando a bebida já lhe esteve criando todo tipo de problema, sua mente continuava ocupada por pensamentos relacionados à bebida. Só que, a essa altura, não existe mais o sentimento de alegre expectativa. Agora, os pensamentos são de confusão, sentimento de culpa, vergonha, decepção consigo mesmo, angústia e talvez medo. Lembro-me de que no auge de meu alcoolismo, quando eu vivia negando minha condição para mim mesmo e para os que me rodeavam, eu passava, literalmente, horas bolando justificativas para minhas ausências. E minha preocupação constante era tentar lembrar para quem eu tinha contado uma mentira e qual tinha sido!



Donald M. Lazo é consultor em Dependência Química e especialista em Intervenções Orientadas. Tel.: (0__11) 608-2632. É autor do livro *Alcoolismo – O que você precisa saber* (Edições Paulinas).

ASSINANTES EM FESTA



Em Avaré, SP, **Antonio Pranzetti** e **Maria Estella P. F. Pranzetti**

comemoraram seus 48 anos de matrimônio, aos 24 de abril passado. o casal é assinante da Revista Ave Maria há mais de 50 anos.

Em Extrema, MG, **Benedito Quintino da Costa Sobrinho** e **Benedita Maria da Costa** comemoraram 48 anos de matrimônio, aos 3/11/1999.

NA PAZ DO SENHOR



Em Minas Gerais, MG, **Alayde Alzamora Matos**, aos 24 de março de 2000. Foi assinante da revista por mais de 50 anos.

Em Curitiba, PR, **Elzio Pereira da Silva**, aos 7 de fevereiro de 2000 com 72 anos de idade. Foi assinante da revista desde 1964.

Em Doras do Indaiá, MG, **Jandira Lino**, aos 6 de junho de 1999, com 90 anos de idade. Foi assinante da revista por mais de 60 anos.



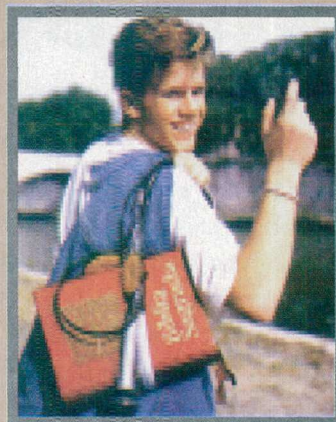
Em Sto. Antônio do Amparo, MG, **Afonsina Maria Junho**, aos 6 de setembro de 1999, com 99 anos de idade. Foi assinante da revista por mais de 50 anos.



Em Assis, SP, **João dos Santos**, a 1º de outubro de 1998.



Em **Antônio Munhoz Queiroz**, aos 12 de agosto de 1999. Foi assinante da revista por 70 anos.



Senhor, que queres que eu faça?

Nós PAULINOS,
acreditamos na
evangelização com os
meios de comunicação.

Jovem, se você deseja
conhecer melhor a vida
e a missão dos Paulinos,
escreva para:

**CENTRO VOCACIONAL
PAULINO**

Caixa postal 173
95001-970 Caxias do Sul, RS
Te.: (0__54) 229-4555

Rua das Camélias, 640
Chácara Primavera
13087-650 Campinas - SP
Te.: (0__19) 255-6043

Caixa Postal 2534
01060-970 São Paulo - SP
Te.: (0__11) 810-3742

Sucesso e fracasso

Wimer Botura Jr.

No início da formação da sociedade, podemos dizer que todos os homens tinham o mesmo grau de desenvolvimento, bastante próximo ainda do instinto animal.

Naquela época, vimos que alguém conseguiu dar um salto para conquistar bens e sucesso; um outro percebeu o demonstrativo daqueles benefícios, quis pegá-los para si sem, entretanto, assimilar sua essência e seus mecanismos de criação. Como a tendência natural do animal-homem era tomar o que achava bonito, porque não havia noções de propriedade, o outro captou somente as aparências. Não procurou buscar dentro de si suas próprias capacidades e a criação de seu próprio bem-estar.

Em algum instante da história, portanto, a norma era tomar ou copiar do outro o que se imaginava que era bom para todos. Num outro momento, quem construiu sentiu-se no direito de criar sistemas de defesa para se proteger.

No filme *A Guerra do Fogo*, podemos observar que o homem, não sabendo como fazer o fogo, preocupava-se em tomá-lo do outro e passava a persegui-lo por isso. Mesmo depois que tomou o fogo, continuou a perseguir o outro. O fogo dava o poder ao homem, não só sobre o outro, mas sobre o frio, a fome, o escuro, que

eram os verdadeiros inimigos do ser humano. Quando todos os homens tiveram acesso ao fogo, deixaram de brigar por ele. Atualmente, brigam pelo petróleo que mantém o fogo aceso, mesmo sabendo que isto destrói a humanidade e a ecologia.

Ainda hoje, muitas vezes agimos como o homem primitivo diante do sucesso das pessoas e frequentemente ignoramos a idéia de progresso.

No entanto, um indivíduo mais esclarecido e consciente trabalha para desenvolver suas necessidades, mesmo tomando o outro como modelo.

Porém, se eu não conseguir encontrar em mim as respostas que o outro já sabe, vou me sentir um fracasso. É este tipo de pensamento que me faz sofrer. O sucesso do outro causa a minha dor porque revela minha incompetência. Ou seja, sinto a dor do meu fracasso pelo sucesso do outro, mesmo sabendo que ele não é culpado pela minha dor.

Assim, a sociedade foi se construindo e, ao longo da história, o sucesso de um acabou determinando o fracasso de outro.

Muitas pessoas preferem fracassar juntas a obter o sucesso igual ao do outro, pois não acreditam na sua capacidade de obter êxito.

Se a auto-estima e a autoconfiança do indivíduo forem baixas, dificil-

mente ele conseguirá o sucesso e provavelmente será depreciativo com uma pessoa bem-sucedida na vida. Destruindo as qualidades do outro, ele se iguala e se sente mais aliviado da angústia do fracasso.

Aparentemente, é mais fácil destruir uma pessoa que tem sucesso do que trabalhar para realizar também

O sucesso do outro causa a minha dor porque revela minha incompetência.

nossos objetivos. O sucesso do outro parece impor às pessoas a obri-



gação de conseguir também os mesmos resultados.

Ninguém obriga ninguém a fazer o que não quer. Se uma pessoa se sente obrigada a correr atrás do sucesso do outro, é porque no fundo ela teme seu próprio fracasso.

O mesmo acontece na educação dos filhos.



Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro A paternidade faz a diferença, Ed. Gente.

ENTRADA

Salada de vagens com azeitonas

Ingredientes

- 300 g de vagens
- 4 tomates não muito maduros
- 2 cenouras
- 1 cebola
- 16 azeitonas pretas
- Sal e azeite a gosto
- Suco de meio limão

Modo de preparar

1. Corte as pontas das vagens e elimine os fios. Corte-as em tiras e lave.
2. Descasque e corte as cenouras em tiras mais ou menos iguais. Coloque junto com as vagens em uma panela. Cubra com água, tempera com uma pitada de sal e ferva por cinco minutos. Retire do fogo, escorra e passe em água fria. Deixe escorrer.
3. Lave e corte os tomates ao meio. Retire as sementes e corte a polpa em cubinhos. Descasque e corte a cebola em rodelas finas.
4. Coloque todos os ingredientes em um prato ou saladeira e junte as azeitonas sem caroço. Tempere com sal, regue com azeite e suco de limão no momento de servir.
5. Se preferir, coloque também 2 colheres/sopa de molho.

PRATO PRINCIPAL

Cuscuz paulista

Ingredientes

- 1 xícara/chá de óleo
- 1 cebola grande ralada
- 10 tomates sem peles e sementes picados
- 6 tabletes de caldo de galinha, dissolvido em 1 litro de água fervente
- 2 pimentões, 1 verde e 1 vermelho, picados
- 1 pimenta-vermelha picada
- 1/2 xícara/chá de cheiro-verde picadinho
- 1 tomate cortado em rodela
- 2 ovos cozidos cortados em rodela
- 1 lata pequena de palmito
- 1 lata de ervilhas
- 1 lata grande de sardinha
- 1 xícara/chá de azeitonas picadas

400 gramas de farinha de milho

1 colher/sopa de farinha de mandioca

1 colher/sopa cheia de gordura vegetal.



Modo de preparar

1. Aqueça o óleo e a gordura e refogue a cebola. Junte o tomate e o caldo de galinha, dissolvido, os pimentões, o cheiro verde, a pimenta e deixe ferver por 20 minutos.
2. Enquanto isso, decore o fundo e os lados de uma fôrma redonda com as rodela de tomate e de ovo e alguns pedaços de sardinha.
3. No molho que está cozinhando, coloque o palmito, ervilha, azeitonas picadas, e a sardinha sem o azeite. Mexa um pouco. Misture as 2 farinhas e despeje aos poucos na panela do cozido batendo até se obter consistência de angu cremoso.
4. Coloque tudo na fôrma decorada, com cuidado, apertando bem. Desenforme e sirva quente ou frio.

SOBREMESA

Bolo de banana

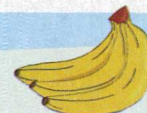
Ingredientes

- 4 bananas nanicas
- 3/4 xícara/chá de óleo
- 2 xícaras/chá de açúcar
- 4 ovos inteiros
- 2 xícaras/chá rasas de farinha de rosca
- 1 colher/sopa de fermento em pó
- canela para polvilhar.



Modo de preparar

1. No copo do liquidificador, coloque as bananas, o óleo, o açúcar e os ovos. Bata por alguns minutos.
2. Retire e coloque em uma tigela funda e acrescente a farinha de rosca e o fermento. Mexa bem.
3. Leve para assar em fôrma de anel, por 15 a 25 minutos, ou até ficar bem assado. Desenforme e polvilhe com açúcar e canela.



Atos dos Apóstolos

Este livro do Novo Testamento trata da história do desenvolvimento da Igreja após a ressurreição de Jesus. Não é uma história completa nem a ação de todos os Apóstolos — mesmo Paulo não está entre os Doze. Narra a expansão do cristianismo desde Jerusalém, na

Palestina, até Roma na época, centrado no mundo pagão. Conta, também, a conversão em massa, que começa com os judeus e se estende aos gentios. Tudo aquilo acontecia sob o impulso do

Espírito Santo, que continuou — e continua — a soprar e incendiar a Igreja rumo a um eterno pentecostes.

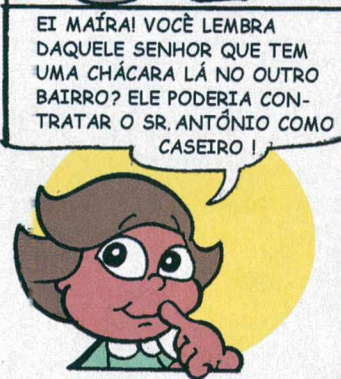
Achar as palavras pedidas no quadro abaixo, no versículo indicado. Em seguida, passar as letras com o mesmo número para o diagrama. Aparecerá uma frase de Jesus que sintetiza o objetivo seguido por Lucas, considerado autor do livro.

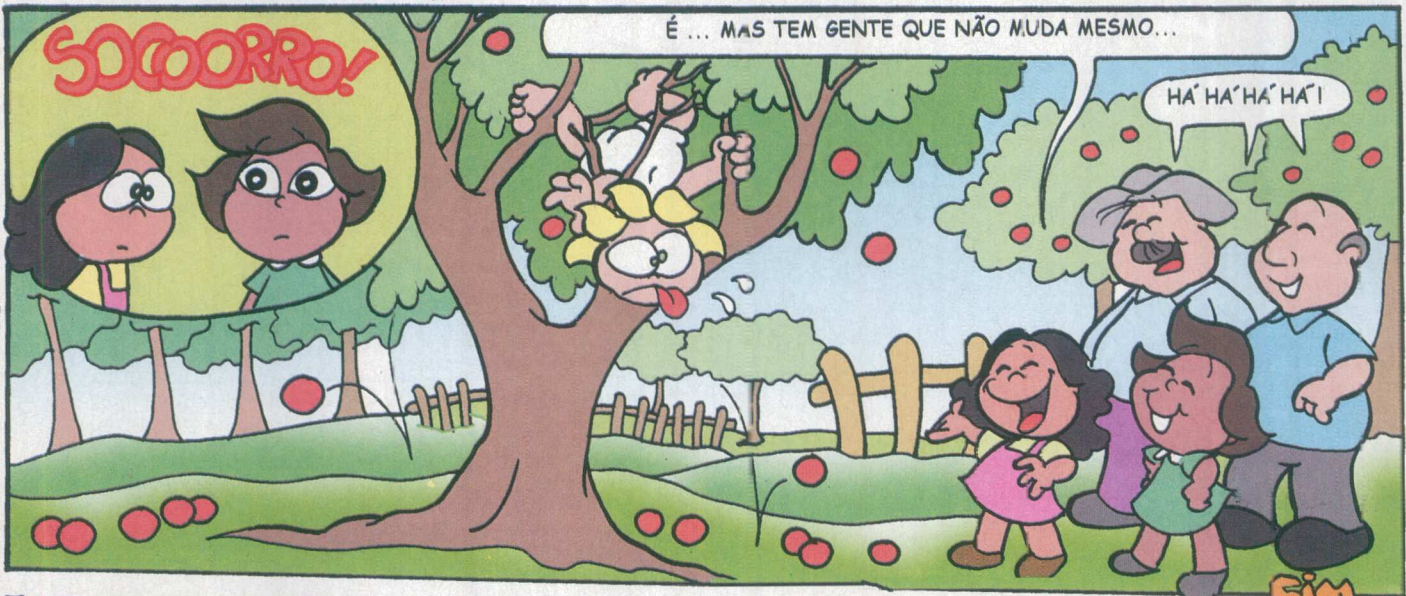
Atos dos Apóstolos

- 2,31 – voltar à vida: _____
99 33 95 61 118 24 74 5 100 44 10 42
- 2,1 – 50 dias após a Páscoa: _____
22 60 110 33 48 7 12 52 62 75 36
- 4,34 – carente: _____
119 91 108 63 11 58 25 104 2 85 116
- 1,22 – que viu ou ouviu: _____
31 73 18 59 45 1 89 113 56 29
- 4,15 – ordenaram: _____
53 93 66 4 86 39 77 17
- 1,9 – ascendeu: _____
105 78 94 16 121 65 28 70
- 13,2 – ficado sem comer: _____
72 81 88 75 57 120 27
- 3,20 – mandará: _____
8 55 34 112 103 14 101
- 7,56 – não fechados: _____
40 13 102 49 26 84 76
- 15 36 – filhos do mesmo Pai: _____
54 9 64 87 109 21
- 1,14 – mãe de Jesus: _____
71 98 43 23 96
- 9,15 – ser humano (masculino): _____
67 17 80 50 97
- 16 11 – dirigimo-ros: _____
4 19 82 32 114
- 2,44 – membros da Igreja: _____
111 92 20 51 3
- 20 13 – poro da Ásia _____
25 69 107 35 6
- 18 5 – oferecendo: _____
37 68 30 90 106
- 9,5 – 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "ser": _____
15 47
- 28 9 – de + a: _____
115 38

Diagrama

“ _____
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32
33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58
59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87
88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116
_____”
117 118 119 120 121





FIM



Querido Diário...
Fiquei muito feliz com o gesto do senhor Válter, dando trabalho àquela família necessitada...

Sei que existem muitas pessoas nesta situação...

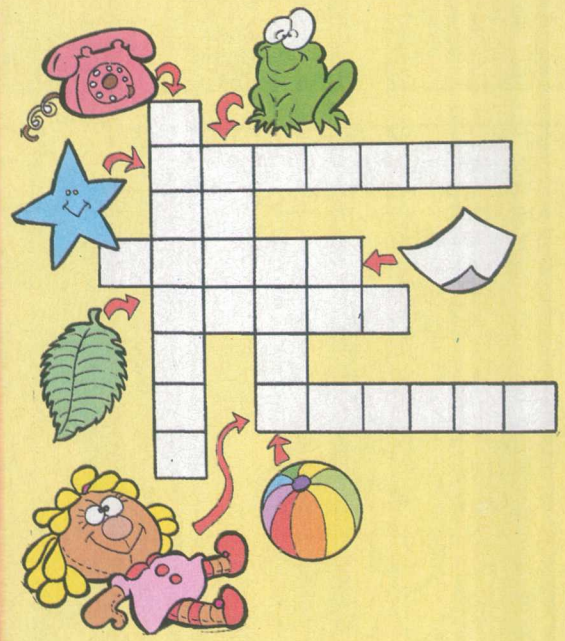
Mamãe sempre diz que todas as pessoas têm direito à moradia, alimentação, roupas, educação e tudo do que precisam para viver com saúde e dignidade...

Agora, acho que entendi o que é dignidade... É quando a gente tem esses direitos respeitados e não se sente humilhado ou desprezado pelas outras pessoas...

Dignidade também é ter um trabalho honesto sem ser explorado ou desrespeitado...

Então eu entendi que a gente não pode só ficar esperando que o governo dê esses direitos às pessoas...temos nos ajudar uns aos outros pra mudar as coisas!

CRUZADINHA





A PANELA

QUANDO EU ERA PEQUENO, EM NOSSA CASA TRABALHAVA COMO COZINHEIRA, UMA SENHORA NEGRA CHAMADA DONA CECÍLIA. ELA TINHA UM NETO COM O NOME DE CHICO, MEU COMPANHEIRO DE BRINCADEIRAS. NO ENTANTO, NEM EU MESMO SEI POR QUE, EM TUDO QUE FAZÍAMOS, A PARTE DO CHICO ERA SEMPRE A MAIS DIFÍCIL E MENOS IMPORTANTE. SEMPRE EU

QUERIA MANDAR EM TUDO. ESCOLHIA AS BRINCADEIRAS E

SEMPRE ACHANDO QUE ERA MELHOR QUE ELE. ATÉ MESMO MINHA MÃE INCENTIVAVA MINHAS ATITUDES, DIZENDO À TODA HORA :
— NOSSA! COMO VOCÊ É ESPERTO, FILHO! NÃO É COMO O CHICO QUE NÃO CONSEGUE FAZER ISSO ...

CERTA VEZ, PEGUEI DONA CECÍLIA OBSERVANDO TUDO, LÁ DA COZINHA, TRABALHANDO A MASSA DO PÃO, HUMILDEMENTE, EM SILÊNCIO.

UM DIA, BRINCANDO JUNTOS, SENTIMOS UM DELICIOSO CHEIRO DE DOCE-DE-ABÓBORA.

CORREMOS ATÉ A UMA GRANDE PANELA QUE ESTAVA EM CIMA DA MESA E A AGARRAMOS, AFLITOS PARA SABOREAR O QUE HAVIA DENTRO. MAS COM UM GRITO A SOLTAMOS DE IMEDIATO AO SENTIR NOSSAS MÃOS QUEIMAREM DOLOROSAMENTE. É QUE AQUELA PANELA TINHA ACABADO DE SAIR DO FOGÃO E ESTAVA MUITO QUENTE.

OUVINDO OS GRITOS, DONA CECÍLIA VEIO ACUDIR APRESSADA E, DISFARÇANDO SUA COMPAIXÃO, COM GRAVES E BRANDAS PALAVRAS, TÃO NÍTIDAS E SIMPLES QUE POSSO ESCUTÁ-LAS ATÉ HOJE, DISSE-NOS ASSIM...

— ORA! VOCÊS DOIS SE QUEIMARAM! QUE COISA MAIS ENGRAÇADA! UM É PATRÃO E O OUTRO EMPREGADO...

UM NEGRO E OUTRO BRANCO... MAS A DOR QUE ESTÃO SENTINDO É IGUAL PARA AMBOS, NÃO É VERDADE ? CONCORDAMOS QUE SIM.

NUNCA MAIS ME ESQUECI DESSE ACONTECIMENTO, NEM DAQUELA PANELA QUE, SEM DÚVIDA ALGUMA, FEZ DE MIM UMA PESSOA BEM DIFERENTE!



KACILDA

© TIMAGIOPA:



Escreva pra turma!

TURMA ECO-IRIS. Rua Aníbal de Almeida Pessoa, 83 Aldeia de Barueri, Barueri, SP CEP 06440-250.



revista AVE MARIA

**PRIMEIRA REVISTA CATÓLICA
MARIANA DO BRASIL**

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — um compromisso com o evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também essa mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da **AVE MARIA** a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima? São só R\$ 20,00. O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos, etc. Você sentirá a satisfação de divulgar mensagens cristãs e marianas.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria. É muito fácil e simples fazer sua assinatura: de qualquer parte do Brasil é só telefonar, grátis, para
0800-55-5021 ou
(0 -- 11) 3666-2128.

Ave MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 3666-2128/3666-2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.